ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
26 ANOS

TOMO XXXIX
JULHO 1998
NÚMERO 07

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Fundação Cultural de Blumenau
Braulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

BLUMENAU em Cadernos

CULTURA EM MOVIMENTO editora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

COPYRIGHT © 1998 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Família Radünz - Jaraguá do Sul - 1926

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

DIGITAÇÃO

Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

DIREÇÃO EXECUTIVA

Dirceu Bonbonatti

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

SUMÁRIO

Nossa Capa 07

Cartas de Famílias (07/5/1886 e 29/5/1886)
Teresa Stutzer 11

Carta aos Pais e Parentes (06/6/1846 e 02/8/1846)
Hermann Blumenau 22

Republicanos X Federalistas
Curt Hering 35

A Revolução de 1893 em Blumenau 39

Antenas Cruzadas
Grete Medeiros 43

O Trecho da Linha Blumenau-Itajaí pelo Território de Brusque ao Longo do Itajaí Mirim 48

A História Militar de Blumenau
Theobaldo Costa Jamundá 53

A força de uma Obra / Boletins Culturais / Poesias, sempre Poesia
Enéas Athanázio 58

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Nossa Capa

Neste ano de 1998, nos meses de fevereiro a abril, a revista "Blumenau em Cadernos" publicou na capa uma fotografia não identificada retratando uma família, para homenagear os imigrantes que ajudaram a construir nossa cidade de Blumenau.

Esta capa despertou no público leitor da revista uma grande curiosidade por conhecer os personagens que ali se apresentavam. Inclusive, um dos nossos assinantes, Sr. Wigand Persuhn, escreveu-nos uma correspondência, datada de 24.3.98, onde solicitou uma reprodução fotográfica da imagem da capa e entre outras palavras, menciona que as famílias de então são as que merecem nossa lembrança e homenagem. Finalizando sua carta manifestou-se: *"Emociona a expressão do olhar resoluto da mãe de tantos filhos, que refletem saúde, e além do pai, as filhas nos seus olhares inocentes, como também os rapazes."*

Família Radünz

Além disso, a divulgação desta fotografia visava mostrar ao público nossa preocupação com a identificação do acervo fotográfico do Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva", que possui inúmeras imagens nesta condição. Ao mesmo tempo pretendíamos resgatar a memória dos nossos colonizadores e buscar temas que evocassem espaços, lugares e personagens da nossa história.

Ficamos muito felizes e gratos ao recebermos uma ligação da **Sra. Nora Klemz** (nascida Radünz), que identificou a fotografia por intermédio do assinante da revista "Blumenau em Cadernos", Sr. Beno Guenther, o qual supôs pertencer à família Radünz. Nora Klemz surpreendeu-se ao reconhecer seu pai, Sr. Walter

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Radünz, (2°. da esquerda para direita, na primeira fila), vivenciando uma emoção muito grande, pois a própria família não tinha conhecimento da existência dest retrato que segue:

FAMÍLIA RADÜNZ

Em pé (esquerda para direita): **Otto, Walter, Agnes, Adele, Anna e Arthur**

Sentados (esquerda para direita): **Bertha, Helena - Leny** (bebê), **Erich, Albert, Herbert e Heinrich**

Época e Localização: 1926 - Rio Cerro (Jaraguá do Sul - SC)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

O patriarca da família, **Albert Radünz**[1], nasceu em 12.04.1878, Pomerode - SC e faleceu em 05.9.1954, Jaraguá do Sul - SC. Casou-se na Igreja Luterana de Badenfurth-Blumenau, dia 07.12.1902 com Bertha Guenther, nascida em 13.12.1882, Blumenau-SC e falecida em 13.6.1960, Jaraguá do Sul.

Filhos:

1) **Agnes Radünz** - nasc. 04.01.1904, Jaraguá do Sul - SC, casada com Oswald Fritzke, nasc. 05.3.1906, Jaraguá do Sul - SC. O casal teve um filho.
2) **Adele Radünz** - nasc. 02.10.1905, Jaraguá do Sul - SC, falecida em 04.3.1961 em Corupá. Casou-se com Theodoro Roters, nasc. 15.12.1906, Massaranduba - SC. Tiveram 5 filhos: Wigand, Lauro, Elisa, Theodoro e Arlete Roters.
3) **Ana Radünz** - nasc. 08.5.1907, Jaraguá do Sul - SC, falecida em 06.9.1986, Jaraguá do Sul - SC. Casou-se com Adolf Siebert, nasc. 07.3.1904, Blumenau - SC. Tiveram 3 filhos: Elvira, Lea e Mario Siebert.
4) **Otto Radünz** - nasc. 20.01.1909, Jaraguá do Sul - SC, falecido em 26.8.1981, Jaraguá do Sul - SC. Casou-se com Alinda Konnel, nasc. 04.3.1913, Jaraguá do Sul. Tiveram 4 filhos: Heinz, Edla, Curt e Ivone Radünz.
5) **Arthur Radünz** - nasc. 05.01.1910, Jaraguá do Sul - SC, falecido em 20.01.1988, Jaraguá do Sul. Casou-se com Clara Fischer, nasc. 30.4.1913, Jaraguá do Sul. Tiveram 5 filhos: Alzira, Anita, Arno, Ingo e Ango Radünz.
6) **Erich Radünz** - nasc. 24.9.1911, Jaraguá do Sul - SC, casado com Emma Boelling, nasc. 17.9.1918, com quem teve uma filha: Renata Radünz.
7) **Walter Radünz** - nasc. 22.9.1913, Jaraguá do Sul - SC, casado com Ana Boelling, nasc. 20.5.1922, Pomerode-SC. Tiveram 3 filhos: Nora, Egon e Vera Radünz.

[1] Os dados que seguem sobre a família de Albert Radünz foram compilados por **Nelson V. Pamplona** que gentilmente cedeu ao Arquivo Histórico e atualmente compõem a Coleção de Dossiê **Famílias - Família Radünz**, sob o número 3.R.25 - documento 01.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

8) **Heinrich Radünz** - nasc. 05.9.1915, Jaraguá do Sul - SC, falecido em 29.6.1980. Casou-se com Hilda Volkmann, nasc. 10.4.1916, Jaraguá do Sul e falecida em 17.3.1954, com quem teve 2 filhas: Anelise e Ilka Radünz. Casou-se pela segunda vez com Alrona Laube, nasc. 12.7.1935, Massaranduba - SC, com quem teve 4 filhos: Lenir, Iracy, Ditmar e Dieter Radünz.
9) **Herbert Radünz** - nasc. 04.6.1921, Jaraguá do Sul - SC, casado com Agnes Roedel, com quem teve um filho: Lauro Radünz.
10) **Helena Radünz** - nasc. 26.4.1925, Jaraguá do Sul - SC, casada com Walter Konell, nasc. 27.5.1921, Jaraguá do Sul - SC, fal. 6.3.1985. Teve 2 filhos: Wendelin e Hedwin Konell.

A descoberta casual desta investida da revista em trabalhar a fotografia anônima teve o caráter de resgate e identificação documental, possibilitando a devida classaficação do retrato. É este o momento para estabelecermos as distinções que caracterizam as fotografias como fontes de pesquisa, através de um exame técnico iconográfico e interpretativo para a recuperação das informações e construção das peças que compõem nossa história.

Instigamos os pesquisadores e demais interessados neste desafio para abstrair das imagens anônimas de que dispõe nosso acervo, a multiplicidade de informações que elas oferecem para o estudo dos costumes, da indumentária e das manifestações sócio-culturais e viajar num universo repleto de surpresas e descobertas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Documentos Originais
Correspondências

Nossa sociedade tão apaixonada por história e tão ávida da inteligibilidade de seu passado, está mais do que nunca anciosa por compreender na interseção da memória os questionamentos do tempo presente.

Tereza Stutzer, ao redigir a carta que publicamos nesta edição, coloca em evidência todos os aspectos da sua personalidade, todos os seus sentidos, para absorver e repassar de forma poética e agradável a organização do trabalho, o lazer e o encanto das flores e da natureza que a impressionavam na Blumenau Colônia.

Cartas de Famílias* (07/05/1886 - 29/05/1886)

Texto:

TERESA STUTZER

Cenas de um piquenique realizado no interior de Blumenau no final do séc. XIX

BLUMENAU em Cadernos

* Traduzido por **Annemarie Fouquet Schünke**.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Den 7. Mai 1886.

... Ich habe heute einen ganz stillen Sonntag; mein Mann ist mit allen Kindern außer Eva schon um 5 Uhr nach der Pommeroder Kirche aufgebrochen. Um 10 Uhr werden sie dort sein. Gustav selbst macht die Tour in einem Jagdwagen und hat die beiden sogenannten Kleinen neben sich. Unsere Großen sind zu Pferde, und Du kannst daraus schließen, welch tüchtige Reiterinnen sie geworden sind, daß ihnen eine solche Tour (hin und zurück 10 Stunden im Sattel) Vergnügen macht. Sie waren schon einmal dort, und meinten damals, die Gegend bei Pommerode habe ein anderes Gesicht wie hier. Es sei dort flacher und ebener. Man sähe wirklich weite Felder bebauten Landes, Mais, Zuckerrohr, Aipim, Kartoffeln und dergl. Die Kirche, und neben ihr das Schulhaus, liegt auf einem Hügel; man übersieht ordentlich die Gegend, was man hier an keiner Stelle kann. Damals kamen sie ganz begeistert und ergriffen zu Haus. Sie sagten, es sei ein herzbeweglicher Anblick gewesen, das "deutsche Volk" zur Kirche strömen zu sehen; viele hundert Menschen. Die alten Pommernfrauen in ihrer Tracht, die junge Generation in hellen, weißen Kleidern mit bunten Kopftüchern. Deutschland inmitten Brasiliens! Möchten sie auch heute wieder einen so schönen Tag haben!

Mir ist's gar einsam. Klein Eva ist mit den beiden Mädchen zu Frau F. auf Besuch gegangen. Nun bin ich ganz allein. Da will ich ein bischen mit Dir plaudern. Ich kann Dir auch ganz Hübsches erzählen: von einem Picknick, das wir diese Woche in der Velha veranstalteten. Wir haben jetzt so schönes Wetter, da hatte Gustav uns den Vorschlag dazu gemacht. Ich sagte unserer lieben Frau Sch. davon, und die ergriff es mit Freuden. So erließen wir denn unsere Einladungen; wir waren über 30 Menschen. Als wir (d. h. ich mit Eva, den Mädchen, dem Kaffeegeschirr) an dem dazu ausersehenen Platße ankamen, brannte schon ein helles Feuer unter einer mächtigen Figere, und das Wasser im Kessel, der an Bambus befestigt darüber hing, brodelte bereits. Meine Töchter hatten unter Anleitung der Frau Sch. und deren Familie Alles ganz fein hergerichtet. Bänke und Tische hatte mein Mann aus gespaltenen Palmiten aufschlagen lassen. Am neuen Wege gelegen, den er mehrere Stunden durch den Urwald baut, war ein größerer Platz besonders dazu gesäubert, alles Unterholz fortgehauen; die Zweige der großen Bäume gaben ein grünes Dach. Von Palmiten wehte die deutsche Flagge und bildete zugleich den drapirten Eingang zu dieser grünen Behausung. Mein erster Gedanke und erster Ausruf war: "Wären doch Vater und Josephine hier!!" Es war wirklich ein überraschend schöner Anblick. Die Reihe der Wagen, die vielen Pferde, die hellgeklei-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

7 de maio de 1886.

Hoje tenho um domingo tranqüilo. Meu marido e as crianças, menos Eva, já saíram às cinco horas da manhã para assistirem ao culto na igreja de Pomerode e lá devem chegar às dez horas. Gustav foi de charrete levando as duas mais novas. As mais velhas foram a cavalo e veja como estão cavalgando bem e o quanto isto lhes dá prazer, pois para ir e voltar leva-se dez horas. Elas já estiveram lá e, na ocasião, comentaram que a região de Pomerode era diferente daqui. Lá é tudo mais plano e se vê plantações de milho, cana de açúcar, aipim, batatinha, etc. A igreja e a escola ficam num morro e de lá se tem uma bela vista sobre a região, coisa que nós aqui não temos. Elas voltaram entusiasmadas, dizendo que foi emocionante ver centenas de pessoas, alemães e seus descendentes, irem à igreja. As pomeranas idosas em seus trajes típicos, as jovens em vestidos de cor clara e branca usando lenços coloridos na cabeça. É a Alemanha no Brasil. Que seja hoje um dia tão feliz quanto aquele.

Estou me sentindo muito só. Eva foi com as duas empregadas fazer uma visita à Sra. F. e assim estou sozinha, aproveito para conversar contigo. Vou falar do piquenique que fizemos esta semana na Velha e que foi ótimo. A sugestão partiu do Gustav e o tempo estava muito bom. Eu comentei isto com a Sra. Sch. e ela achou uma boa idéia. Convidamos mais de trinta pessoas. Quando Eva, eu e as empregadas chegamos lá levando a louça necessária, já havia uma fogueira à sombra da figueira, sobre a qual pendia, num galho de bambu, uma chaleira com água fervente. Minhas filhas haviam organizado tudo muito bem sob a orientação da Sra. Sch. e de sua família. Meu marido mandou fazer os bancos e mesas de palmito. O lugar escolhido encontra-se à beira da estrada nova que está sendo construída mata adentro. É um local amplo, limpo da vegetação rasteira, e as copas das árvores formam uma abóbada. A bandeira alemã pendia num palmiteiro formando o portal de entrada deste abrigo verde. Meu primeiro pensamento foi: ah! se meu pai e Josephine pudessem ver isto! Realmente estava maravilhoso. As charretes, os cavalos, as mulheres em seus vestidos claros, tudo isto neste ambiente iluminado pela fogueira proporcionava uma visão singular e que jamais esquecerei. Nós nos divertimos muito. Enquanto fazíamos um passeio de reconheci-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

deten Damen, alles das in der eigentümlichen Beleuchtung der Feuers im Urwalde gab ein eigenartiges Bild, das sich mir für immer eingeprägt hat. Wir waren recht vergnüglich zusammen. Unsere Kinder sangen, und wir machten, so weit es ging, Entdeckungsreisen in unserm Walde. Einige über die Velha gelegten Stämme verlockten uns, hinüber zu balanciren, was auch allen Damen mit Hilfe der Kavaliere gelang. Gustav zeigte mir drüben im Dickicht die Spuren eines Tapir. Dann gingen wir eine lange Strecke auf seinem eben erst frisch angelegten Wege; zu beiden Seiten dichter Urwald. Hohe Baumfarren erfreuten mich am meisten. Ganze Rudel davon standen dicht zusammen, unter sich Farren von allen möglichen Sorten und Arten; als Erddecke das in Deutschland in den Gewächshäusern gezogene moosartige Farrenkraut. Sonst ein wildes Durcheinander von undurchdringlichem Grün. An den Bäumen oben in der Luft hängen als Schmarotzerpflanzen die brennend roten Bromelien; und Orchideen von den verschiedensten Arten wurden mir von den Herren gezeigt. Zu den Füßen wuchsen die prachtvollsten, farbigen Blattpflanzen; Schlinggewächse aller Art bildeten gordische Knoten und verschlangen in einander, was schon als unentwirrbar vor uns stand. Blaue, gelbe und farbige Schmetterlinge taumelten mit schweren Flügelschlägen in der Luft; ab und an ließ sich ein Papagei vernehmen. Sonst war es ganz still; das Murmeln des Velha-Wassers war der einzige Ton in dieser Wildniß. Lustig sprang es von einem Granitblock über den andern. Von Affen war keine Spur, die arbeitenden Menschen hatten sie vertrieben. Bis heute habe ich noch keinen gesehen, und doch hören wir fast täglich ihre Stentor-Stimmen aus dem Urwalde laut bis zu unserm Hause herüber dringen. Das einzige Geschöpf, das wir in der Velha entdeckten, war ein Chamäleon, das lustig an einem Baumzweige baumelte. Ich bin mit Evaliebchen ganz tapfer herumgestiegen. Ach, das Kind freute sich so! "Ist das deutscher Wald?" So fragte sie oft. Wir hatten farbige Eier mitgenommen und versteckten sie für die Kinder. Sie spielten "Häschen in der Grube" und all solche schöne Sachen.

Man muß sich hier in Acht nehmen, wenn man Ursache hat, die Dunkelheit zu vermeiden. Es gibt hier keine Dämmerung. Ist die Sonne untergegangen, deckt auch Nacht die Erde. Unsere Kutscher trieben zur Rückfahrt. Der Weg durch die Velha war von ihnen zum ersten Mal befahren, da waren sie ängstlich, an verschiedenen Biegungen und neuen Brücken richtig zu leiten. Eine große Cavalcade war es, als wir aufbrachen. Voran die Wagen. Langsam fuhren wir dahin, an meines Mannes frisch geschlagenen Roças vorbei, an seinen jungen Plantagen von Kaffee, Zucker, Mais, Ramie - möchte Gott es

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

mento pela mata, as crianças cantavam. Com a ajuda de alguns cavalheiros conseguimos atravessar o ribeirão da Velha pelos troncos de árvores. Gustav mostrou as marcas de anta na mata cerrada. Caminhamos um longo trecho na estrada nova que era margeada pela mata. O que mais me encantou foi a exuberância das samambaias de todos os tipos e espécies. O solo estava coberto pela samambaia musgo, desta que na Alemanha se encontra em estufas. No mais havia um emaranhado de uma vegetação impenetrável. Do alto das árvores as bromélias vermelhas pendem feito erva daninha, e havia orquídeas das mais variadas espécies. As mais belas plantas ornamentais estavam aos nossos pés, e inúmeras espécies de trepadeiras se enroscavam. Havia borboletas azuis, amarelas e coloridas e vez por outra se escutavam os papagaios. O único som que se ouvia era o murmúrio das águas escorrendo pelas pedras do ribeirão da Velha. Fora isto havia um grande silêncio. Dos macacos nem sinal, os trabalhadores os afugentaram. Até hoje ainda não vi nenhum, se bem que escutamos seus gritos diariamente. Avistamos apenas um camaleão que balouçava alegremente nos galhos. Como Eva estava feliz, andei corajosamente por tudo com ela. A toda hora perguntava se esta era a floresta alemã. Tínhamos levado ovos coloridos e os escondemos para que as crianças brincassem de "esconde-esconde".

Os cocheiros nos advertiram para que voltássemos enquanto ainda era dia, pois aqui o crepúsculo é curto e assim que o sol se põe já é noite. Era a primeira vez que eles faziam este trajeto e por isso estavam preocupados, pois não conheciam bem as curvas e pontes. Voltamos numa grande cavalgada com as charretes na frente seguidos pelos cavaleiros. Viemos devagar e passamos por nossas plantações de café, cana de açúcar, milho e rami. E que Deus as abençoe! Então aceleramos o passo e numa curva se via toda marcha, uns abanavam para os outros e Eva batia palmas. Ao pôr do sol chegamos na estrada principal. Na mata já havíamos visto vaga-lumes, mas aqui eram milhares deles parecendo pedras preciosas iluminando tudo. Perto de um banhado a visão era encantadora, mas não se pode compará-los aos nossos pirilampos. Os vagalumes tem uma luz tão forte que se colocarmos apenas um debaixo de um copo conseguimos ler. As crianças os colocaram dentro das flores de magnólia. Deverias ter visto, mais pareciam lan ternas. Eles têm mais ou

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

segnen! - Dann ging's schärferen Trab. Die Reiter folgten. An einer Biegung des Weges war der ganze Zug sichtbar. Die Herren schwenkten die Hüte und riefen Hurrah, und Eva klatschte in die Händchen. Gerade vor Sonnenuntergang gelangten wir auf die groβe Heerstraβe. Hatten wir schon im Walde ab und an einen Leuchtkäfer gesehen, hier sahen wir sie zu Tausend und Abertausenden, wie leuchtende Edelsteine, wie bengalische Flämmchen sprühten sie vor uns auf. An einer weiten, etwas feuchten Stelle war der Anblick geradezu entzückend. Ihr könnt sie nicht mit deutschen Glühwürmchen vergleichen. Denke, daβ sie solche Leuchtkraft haben, daβ, wenn man ein gefangenes Tierchen unter ein Glas stellt, man bei dem Lichte lesen kann. Die Kinder steckten neulich die Tierchen in Magnolienblüten. Waren das aber Laternen! Sie sind ungefähr so groβ wie Maikäfer, länglich, dunkelbraun, und leuchten mit dem Kopfe und unter den Flügeldecken...

Den 29. Mai 1886.

... Heute Nachmittag war ich auf ein Stündchen zu der alten Frau R. gegangen, unserer Nachbarin. Das ist eine der ältesten Kolonisten Frauen. Wenn ich mit ihr zusammenkomme, erzählt sie allemal von "damals, wie wir in's Land kamen". "30 Jahre sind's her. Ach, jetzt ist es ein Paradies hier, aber damals! Kein Weg, kei Steg, Urwald und wieder Urwald. Zuerst hausten wir im Aufnahmeschuppen, dann bauten wir uns selbst unsere Palmitenhütte. Aber die Entbehrungen, die wir in den ersten Jahren unserer Ansiedelung zu tragen hatten, davon kann man sich nur schwer einen Begriff machen. Es fehlte an Allem, oft auch an den allernotwendigsten Nahrungsmitteln. Milch gab es nicht; ich glaube, eine Kuh war damals in der Ansiedlung. Mehl? Einen ganzen Tag gebrauchte mein Mann, um mit seinem Säckchen Mais zum Müller hin und zurück zu gelangen. Er trug's auf dem Rücken durch den Urwald durch. Die einzige Straβe war eigentlich der Fluβ und per Kanoe unsere einzige mögliche Fortbewegungsart. Per Kanoe bekamen wir von Itajahy, was wir durchaus gebrauchten. Wenn das die Leute bedächten, die jetzt hier herkommen und klagen!"

So sagte die alte Frau. Und ich schämte mich, ich gehörte auch zu den Seufzenden und Klagenden. Daβ man es auch so leicht vergiβt, auf welch jungfräulichem Boden man hier steht. Man bringt von drüben seine alten gewohnten Ansprüche mit und vergiβt, daβ eine vielhundertjährige Kultur dieselben hat zu etwas selbstverständlich Alltäglichem werden lassen. Ich hatte gerade in diesen Tagen über die schlechten, schmutβigen Straβen geseufzt, die durch Regenwetter ganz aufgeweicht waren. Und doch sind es erst 20 Jahre her,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

menos o tamanho do besouro, são alongados, marrons e iluminam com a cabeça e com a parte debaixo das asas...

Blumenau, 29 de maio de 1886.

Esta tarde estive por uma hora na casa da Sra. R., nossa vizinha. Ela é uma das mais velhas colonas da região. Sempre que a encontro ela fala como era a Colônia há trinta anos atrás quando aqui chegaram. "Ah, agora isto aqui é um paraíso, mas antigamente não havia caminho nem trilha, era só mata e mais mata. No começo morávamos no galpão dos imigrantes e nós mesmos construímos nossa cabana de palmito. É difícil imaginar as privações pelas quais passamos nos primeiros anos da colonização. Faltava tudo, às vezes até os alimentos de primeira necessidade. Não havia leite e acho que só tinha uma vaca na colônia. E farinha? Meu marido andava um dia pela mata para ir e voltar do moleiro com um saco de milho nas costas. O rio era praticamente a única via de comunicação, e a canoa, o meio de transporte. Tudo que necessitávamos vinha por canoa de Itajaí. Se as pessoas que vêm agora e se queixam soubessem disso!"

Assim falava a velha Sra. e eu me envergonhava, pois também eu pertencia àqueles que se queixavam e reclamavam. Como podemos nos esquecer tão facilmente que estamos numa terra virgem. Trouxemos conosco nossos hábitos, mas não lembramos que estes são frutos de uma cultura secular e por isso fazem parte do nosso cotidiano. E eu que havia me aborrecido com as ruas sujas devido às chuvas. E fazem apenas vinte anos que ficamos atolados no caminho de Semmenstedt para Timmern. Quando nos lembramos disto, nos admiramos com tudo que aqui se realizou. Agora consigo entender e interpretar tudo de modo diferente como p.ex. o livro de Gustaf Freytag "Deutsche Vergangenheit" (O passado Alemão). Minha compreensão se tornou maior em relação ao que antes achava natural. Uma aura envolve os monges, estes pioneiros que levaram a cultura e a civilização às florestas da Alemanha. Por quantas privações estes heróis tiveram que passar. Lá não havia só florestas,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

daβ wir in Deutschland, auf dem Wege von Semmenstedt nach Timmern, buchstäblich im Dreck stecken blieben. Wenn man das bedenkt, muβ man staunen, was hier geschaffen ist! Wie ganz anders sieht man jetzt so manches an,und liest so anders, z. B. Freytag's "Deutsche Vergangenheit". Was ich früher so gedankenlos als selbstverständlich hingenommen, stand auf einmal groβ vor meinem Verständniβ, und um die Häupter der alten Mönchsgestalten, die als Pioniere der Kultur und der Civilisation in die Urwälder Deutschlands drangen, wob sich vor meinem geistigen Auge ein Strahlenkranz. Mit was für Entbehrungen haben die Helden zu kämpfen gehabt! Da war nicht nur Urwald wie hier, da war eisiger Winter, da waren wilde reiβende Tiere, wilde Heiden! Und was für rohe Hilfsmittel! Wir sind ihnen gar nicht dankbar genug.

Ich hatte mir Hefen von der guten alten Seele mitgebracht. Ihr Sohn hat eine groβe Bierbrauerei, und das Geschäft blüht. Sie haben ein hübsches freundliches Wohnhaus mit allem Zubehör. Die Brauerei ist ein massibes Gebäude für sich. Dies alles liegt auf einem weiten, groβen Past (Wiese). Vor der Haustür wiegen Palmen ihre königlichen Häupter in der lauen Luft! Was mir aber fast noch schöner vorkommt, ist eine Bambusgruppe, die einsam auf dem Past sich erhebt. Ein wundervoller Anblick. Was für ein Paradies könnte hier geschaffen werden, wenn erst einmal wohlhabende Leute aus Liebhaberei sich Gärten anlegten, und tüchtige Gärtner von drüben hier arbeiten würden; hier, wo tropische Vegetation ebenso gut und üppig wuchert wie die Vegetation der gemäβigten Zone. Du hast hier alle deutschen Blumen. Kornblumen sind z. B. Zierpflanzen in den Gärten. Rosen, Reseda, Heliotrop, Veilchen, alles spendet wie drüben seine balsamischen Düfte. Rosenhecken blühen Jahr aus, Jahr ein. Rosen, köstliche gelbe Tee-Rosen, überziehen ganze Häuser, oder hängen, wie in unserm Garten, hoch aus den Palmen nieder. Und Lilien! Nein, solche Pracht kann ich Dir nicht beschreiben. Lilien von allen möglichen Sorten, wie ich sie nie vorher mir hatte denken können. Wenn ich auf die Blumen zu sprechen komme, finde ich nicht Worte, ihre Pracht zu schildern. Vor einiger Zeit hatten wir 6 "Königinnen der Nacht" auf einmal in unserm Zimmer. Sie waren uns freundlich von verschiedenen Seiten zugeschickt. (Du glaubst gar nicht, wie liebenswürdig man uns hier in jeder Weise begegnet. Ich fühle mich oft ganz beschämt. Womit sie nur denken können, uns eine Freude zu machen, das schicken sie uns zu.)

Kaktus wächst hier wild, aber Du findest auch eingeführte Arten. Wunderbare Kaktusgestalten kannst Du hier antreffen, wie Du sie aus den afrikanischen Bildern kennst. Und nun die Myrthen! Sie blühen, und tragen Früchte, ähnlich unsern Kirschen und Beeren. Die kleine buschartige Myrthe,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

mas também o inverno gelado, animais ferozes e pagãos a enfrentar. E que armas rudimentares possuíam e não lhes tributamos a devida gratidão!

Eu consegui fermento da boa velhinha, pois seu filho tem uma bem montada cervejaria e os negócios estão florescendo. Eles tem uma bonita e confortável moradia. A construção da cervejaria é em alvenaria e fica situada num grande pasto. Defronte a casa as palmeiras balançam suas majestosas copas ao sabor do vento. Mas para mim o mais impressionante é o bambuzal que se ergue solitário no pasto. É uma visão maravilhosa!

Isto aqui poderia vir a ser um verdadeiro paraíso se pessoas abastadas mandassem vir competentes jardineiros da Alemanha, apenas pelo prazer de terem um bonito jardim. Pois aqui a vegetação da zona temperada dá tão bem quanto na exuberante tropical.Temos todas as espécies de flores da Alemanha, como os lóios de jardim, rosas, resedás, heliótropos e violetas que enfeitam e perfumam os jardins como lá. As sebes de roseira florescem o ano todo. As rosas trepadeiras, como a delicada rosa-chá amarela, sobem por sobre as casas ou pendem das palmeiras como no nosso jardim. E os lírios: nunca imaginei que tivesse tantas variedades! Quando começo a falar das flores não encontro palavras para descrever tal esplendor. Há algum tempo atrás várias pessoas gentilmente nos presentearam com a "rainha da noite". Ganhamos seis ao todo e as colocamos em nossa sala. Nem imaginas o quanto as pessoas são amáveis conosco. Às vezes até me sinto encabulada, pois enviam-nos tudo o que acham que pode nos alegrar. Existem magníficos cactos, assim como se vê em fotos da África. Aqui eles são espécies silvestres, mas também encontras importados. E as murtas, estas florescem e dão frutos parecidos com as nossas cerejas e framboesas. A de arbusto pequeno, que cresce em todo lugar, produz baguinhos vermelhos parecidos com nossa airela vermelha. Imagine como isto é encantador! E temos a vegetação tropical, da qual eu nem sei o nome. Lá vocês acham que as flores tropicais apenas têm um colorido exuberante, mas não têm aroma. No entanto te digo que o perfume às vezes é por demais e as árvores estão cheias de flores perfumadas. E as trepadeiras! Sabes que as flores do pé de café têm um aroma delicado?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

die hier überall wächst, hat rote Beeren, ähnlich unseren Kronsbeeren. Kannst denken, wie reizend das aussieht. Und nun alle die tropischen Gewächse, deren Namen ich gar nicht kenne! Mann meint drüben, die tropischen Blumen hätten wohl Farben, aber keinen Duft. Ich sage Dir, des Duftens ist oft zu viel. Bäume voll duftender Blumen! Und die Schlinggewächse! - Weiβt Du, daβ die Kaffeeblüten so wonnig riechen?

Kaffee - da komme ich doch wieder in unsere Küche, wohin ich Dich eigentlich führen wollte; in die Küche und vor unsern Backofen. Jetzt kann ich backen, auch Maisbrot! Aber bis ich's gelernt habe, das hat Künste, und Thränen genug gekostet. Jetzt bin ich schon stolz auf meine Künste, und kann mich schon als Lehrmeisterin für meine Töchter aufspielen. Maisbrot wird mit Hefen angestellt; wir setβen Weizenmehl zu, viele Kolonisten nehmen geriebenen Cara, eine Art Kartoffelfrucht, um das an sich trockene Maismehl angenehmer zu machen. Ich nehme auch zuweilen Kümmel in's Brot; es schmeckt dann herzhafter. Gustav kann's nicht gut vertragen; für ihn backe ich immer reines Weizenbrot. Und Du weiβt doch, wie gerne er Süβes iβt. Nun sind hier Eier und Zucker so billig, da bin ich eine recht verschwenderische Hausfrau. Nach der "Davidis" backe ich die herrlichsten Dinge. Jetβt gelingen uns auch die Baisers vorzüglich. Mit Apfelsinen, Pfirsich und Bananen belege ich Kuchen. Ich bin ganz stolz auf das, was ich gelernt habe. Einen Backofen hinter dem Hause zu haben, ist hier so notwendig, wie einen Herd in der Küche. Alles, auch das Maisbrot, hält sich nicht lange gut; es setzt Schimmel an. Man kann durch tägliche fahrende Milchwagen von den Bäckereien am Stadtplatze Brot beziehen; ja, es kommt alle Morgen ein besonderer Semmelwagen vor unserer Tür vorbei, der seine Waare bis nach Badenfurt hinauf fährt, aber bei unserer Menschenzahl, wir sind augenblicklich mit unsern Leuten 13 Personen kommt dies gekaufte Brot zu teuer; auch schmeckt es uns nicht, wie unser selbst bereitetes.

Du fragst nach unserm Küchenzettel. Heute gab's Kindfleisch-Suppe, Blumenkohl mit Fleisch, Weinerême mit Bisquitplätβchen. Morgen habe ich grüne Bohnen. Gemüse habe ich in Vorrat. Verschiedene Kohlarten, Gurken, Mohrrüben und Steckrüben, auch rote Rüben. Wir können ganz deutsch kochen und tun das auch. Alles deutsche Gemüse gedeiht hei nur etwas Pflege ganz prachtvoll. Und es gibt, wenn man es danach anfängt, immer Gemüse. Nur in den ganz heiβen Monaten wird es knapp. Da essen wir viel Reis und Geflügel. Herrlich sind hier auch unsere Citronenhecken. Wir machen uns täglich Citronenlimonade. Du siehst, was Essen und Trinken anbetrifft, leiden wir keinen Mangel.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Falando em café! Retorno à cozinha e é para lá que quero levar-te, para que vejas nosso forno. Agora posso até assar pão de milho. Mas até que eu aprendi a fazê-lo, derramei algumas lágrimas e foi necessário muito empenho. Agora me orgulho de minha habilidade e já posso me impor como professora diante das minhas filhas. Este pão é feito com levedura e nós acrescentamos farinha de trigo para tornar a massa mais leve. Muitos colonos adicionam cará, um tubérculo semelhante à batata inglesa. Às vezes adiciono cominho, pois melhora o paladar. Para Gustav preparo pão de trigo, pois o de milho não lhe faz bem. E sabes como ele gosta de doçura. Sou uma dona de casa bem esbanjadora pois aqui os ovos e o açúcar são baratos. Pelo **"Davidis"**[1] preparo coisas maravilhosas. Os "Baisers" (suspiros) ficam excelentes. Para cobertura de doce uso laranja, pêssego e banana. Estou tão orgulhosa com tudo que aprendi! Ter um forno nos fundos da casa é tão necessário quanto um na cozinha. Nada se conserva por muito tempo, nem o pão de milho, porque o bolor aparece em tudo. Podemos adquirir o pão do leiteiro que passa diariamente. Ele o distribui de várias padarias. Todas as manhãs um padeiro passa diante de nossa casa, levando sua mercadoria para Badenfurt. Mas atualmente somos treze pessoas, incluindo os empregados, e por isso este pão se torna muito caro, e também não é tão gostoso quanto aquele que assamos. Queres saber o que costumamos comer? Hoje tivemos sopa de carne, couve-flor com carne e creme de vinho com biscoitos. Amanhã teremos vagens. Estou bem provida de verduras, como várias qualidades de repolho, pepinos, cenouras, nabos e beterrabas. Tendo-se um pouco de cuidado todos os legumes de origem alemã ficam vistosos e produzem bem. Apenas nos meses de verão se tornam escassos. Nossas sebes de limoeiros estão maravilhosas e diariamente preparamos limonada. Podes ver que quanto à alimentação nada nos falta.

[1] *N.T.* - Livro alemão de arte culinária, editado na 2ª. metade do séc. XIX.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Blumenau rumo ao Sesquicentenário de Fundação

Carta aos Pais e Parentes (03/08/1846)

Texto:

*DR. HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU**

Carta No. 06

Rio de Janeiro, 3 de agosto 1846

Meus queridos e estimados pais!

Faz três semanas que estou aqui, mas não tive oportunidade ainda de escrever-lhes porque tive constantemente muito trabalho e sempre muita correria, e ainda não encontrei tempo para escrever cartas.

Esperei cartas de vocês com muita ansiedade, mas infelizmente não obtive nenhuma notícia de qualquer membro de nossa família, apesar de terem aportado aqui muitos navios de Hamburgo e Bremen que trouxeram notícias até o princípio de junho. Não posso explicar este silêncio porque pedi-lhes para escrever-me breve e estou muito assustado com isso.

Nada recebi também de Sturz em Berlin, apesar de ele ter-me prometido que encontraria cartas suas aqui, quando chegasse; desde lá passaram-se três semanas. O paquete inglês aportou, mas não recebi nada, o que é inexplicável para mim e me faz ficar com muito medo e até mesmo embaraçado, pois não sei o que fazer e onde me afirmar.

Meus negócios aqui não vão mal, mas também não vão tão bem. Ainda não tive tempo para mim e vejo à minha frente muito trabalho, sem saber ao certo, se terei proveito dele. Eu fiz junto ao governo uma proposta de colonização, fui bem recebido pelos ministros e me deram esperanças de que talvez aceitarão, pois elas foram até aqui as propostas mais favoráveis e sensatas. Isto parece bom, mas

* Natural da Alemanha - Hasselfelde, fundador da Colônia Blumenau em 02/9/1850.
Tradução: **Edith Sofhia Eimer e Valéria Mailer.**

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

não se deve fiar muito nisto, pois aqui prometem muito e de preferência não cumprem nada. Há mais projetos de colonização propostos, que são explorados mais por enganadores e vendedores de almas, que, se forem aceitos, o que é muito improvável, trarão muita infelicidade para os pobres imigrantes, pois reconhece-se a inconsistência deles. O melhor de tudo é silenciar sobre minha proposta, pois ela tem uma base sólida e é precedida de nomes significativos, um deles de Hamburgo que quer explorar a colonização através de um banco pretendendo investir 1 milhão de marcos (1/2 milhão de moedas de prata) e considera o negócio como um grande empreendimento, que deve aumentar seu comércio bem como a navegação, mais do que uma simples especulação, na qual se vende o pobre imigrante como se fosse um produto e se aproveita para extorquir o máximo de dinheiro dele, seja justo ou injusto. Recebi por parte desta sociedade algumas propostas, oferecendo ressarcimento de parte de meus gastos, prometeram-me pagar as minhas despesas futuras com viagem e colocaram ainda a possibilidade de um emprego. Ainda não me decidi porque talvez consiga levar adiante meu próprio projeto, de onde espero conseguir mais, mas deixei caminho aberto e a qualquer momento poderei colocar em prática. A infelicidade é que estes assuntos aqui são muito demorados, e por isto muitos projetos não dão em nada. Assim também pode acontecer com o meu e dos senhores hamburgueses. A proposta precisa ir para a Câmara, que não dá muita atenção a assuntos onde não há interesses particulares e intrigas, demorando assim muito tempo. Eu falei com alguns deputados para os quais trouxe cartas de recomendação, acharam muito interessante minhas explanações, mas eles gastam muitas palavras bonitas para depois não fazerem nada. Diante disso é provável que este ano não conseguirei mais nada, pois a Câmara vai se dissolver dentro de 4 a 6 semanas e para alguns pontos essenciais preciso de sua aprovação. Apesar de que os hamburgueses querem mais expandir seu comércio do que propriamente colonizar, assim mesmo o capital investido é suficiente para alcançar certo sucesso. Como agora estes senhores exigem também garantias para o bem estar dos colonos, almejamos, com exceção de somente uma opinião de pouca importância, as mesmas metas, e posso dizer uma meta boa e honrada na qual naturalmente também é visado o lucro, mas só através da prosperidade dos colonos, que puxam atrás de si outros, valorizando assim rapidamente as terras. Mas há aqui alguns mentirosos, que só querem ganhar tanto por cabeça e pouco se importam se os colonos progridem ou acabam na miséria. Eles fazem as propostas, como foi

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

dito acima, e um deles já fez e o governo acha que pode levar a melhor do que através de procedimentos legais; pelo menos assim pensava a comissão encarregada, que era problema dos imigrantes informar-se se a organização, que qualquer mentiroso funda, irá proceder bem com eles ou não, e que o governo nada tem a ver com isto. Relativo à minha proposta e à colonização em geral, entreguei hoje ao Ministro um relatório, no qual propus o não pagamento de passagem, e espero com ele sucesso tanto para mim como para prevenir estas mentiras. Dessa forma um negócio correto aconteceria, mas uma mentira ruiria. É vantagem para o governo, que pode economizar muito dinheiro, e por esta razão acredito muito que meu projeto será aceito antes de tudo.

Quero ver agora que notícias receberei de Berlin, onde quer se formar uma sociedade colonizadora com 2 milhões de moedas de prata de capital. Quero saber se ela se formou definitivamente e se enviarão para mim dinheiro suficiente para poder continuar realizando meu trabalho já iniciado, com calma e sucesso. Já estão preparados, conforme pude verificar através dos documentos dos hamburgueses, que talvez se juntem aos berlinenses. Isto só pode ser bom para o projeto e para mim também. Se receber estas notícias até fins de setembro, ficarei aqui para prosseguir no assunto da minha proposta. Se não receber, provavelmente me aliarei aos hamburgueses. Caso o assunto se prolongue, continuarei a trabalhar com eles. No segundo caso irei, provavelmente, na primavera (outubro), para o Rio Grande do Sul e viajarei por esta Província e mais tarde a Santa Catarina. Vocês podem ver, meus bons e queridos pais, que tenho pelo menos a esperança de sucesso. Se for ressarcido de minhas despesas de viagem e voltar ao Rio Grande, então com aquilo que tenho poderei viver por dois anos e aguardar a solução do assunto. Mesmo assim ainda ficarei com um tanto para voltar à Europa. Isto é só para o caso de não conseguir nada, mas é bem provável que os hamburgueses, aos quais já forneci alguns relatórios, não quebrem sua palavra e me deixem aqui desamparado. A respeito disso tenho algumas perspectivas em vista e se eles quebrarem a palavra, não terei medo do meu futuro, se Deus me der saúde, pois eu já vi e aprendi muito aqui. Aquilo que nestes dois anos que ainda ficarei aqui, puder coletar de mais importante, observações sobre as condições em geral, estou convencido que poderei escrever um livrinho, que será pouco agradável aos brasileiros, mas poderá interessar a alguns leitores na Europa e pelo qual receberei algum dinheiro que cobrirá uma parte de minhas despesas de viagem. O que acontece aqui

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

nem se sonha na Europa; patifarias, infâmias e tolices são tantas, que deixam os recém-chegados de cabelos arrepiados, enquanto o brasileiro ri ou sacode os ombros, quando por exemplo o ministro acusa um conselheiro de Estado, que já foi ministro e agora é senador, em sessão pública no senado, de ter mandado imprimir 100.000 moedas de prata de notas falsas!!! Além disto ainda posso recolher aqui algumas coisas e conseguir algum dinheiro, de forma que na viagem de regresso à Europa, se tiver que retornar, não tenha prejuízo e sempre tenha juntado experiências proveitosas. Isto é para o caso de não ter vontade de ficar aqui, ou meus olhos me obrigarem a me afastar.

Caso eu queira ficar (não aqui no Rio, do qual já estou saturado, mas sim no sul, no Rio Grande, Montevidéu ou Santa Catarina), lá certamente se oferecerão para mim, muitas oportunidades para me assegurar um bom futuro. Apesar de o Brasil estar bem mais adiantado do que eu pensava e em especial a Província do Rio Grande, mesmo assim se apresentam muitas oportunidades para os que têm uma profissão e vontade de trabalhar, seja em uma ou outra área, principalmente nas Províncias. Aqui se encontram pessoas que fizeram estranhas carreiras, por exemplo: um antigo secretário de repartição consular, como fabricante de sebo, e um antigo pastor como contador num vapor. Em especial acho o Rio Grande indicado e gostei muito de lá. Apesar de ter ficado somente três semanas, sinto muitas saudades do Rio Grande. Se acontecesse uma colonização em massa, e alguns dos meus entes queridos se estabelecessem lá, para não ficar tão sozinho, eu certamente me fixaria lá para sempre, *seja como fabricante de um produto químico*, para o qual há grande oportunidade, *ou como colono, pois fiquei com vontade em razão destas belas terras ou melhor ainda, aliar os dois, o que é possível fazer nesta terra rica.* Especialmente agora se ganha muito dinheiro e por causa da guerra no país vizinho muitos espanhóis se transferiram para lá. Um pedreiro ou carpinteiro pode ganhar por dia 2 - 3 moedas de prata, um auxiliar de curtume recebe 1 moeda de prata por dia com tudo livre. Os colonos que há dois anos passados estavam tão decaídos por causa da revolução e levavam uma vida miserável, ganharam tanto em um ano, que ficaram realmente arrogantes, porque os gêneros alimentícios têm preço alto. O valor das terras duplicou em dois anos e continua a subir. Os produtos têm mercado fácil devido à navegabilidade dos rios, ou seja, a terra é tão apropriada quanto possível para a imigração. A situação se modificará um pouco, mas não muito, quando no Uruguai (Montevidéu) voltar a paz. Os

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

produtos baixarão um pouco de preço, o comércio diminuirá e o valor das terras cairá um pouco, mas sempre continuará a ser uma terra maravilhosa. *Só falta uma coisa: um governo sensato, e de boa fé e não como agora quando conta entre seus funcionários 99/100 ladrões e patifes.* O povo na Campanha[1] me agradou muito e demonstra um comportamento digno e simpático, exerce uma hospitalidade verdadeiramente patriarcal e parece também ter um grau mais elevado de moralidade, do que os brasileiros e portugueses daqui, que por trás de sua amabilidade hipócrita da cidade, escondem a maldade. As pessoas ali estão igualmente saturadas com o regime brasileiro e discutem, depois que a primeira revolução só foi abafada com dinheiro, abertamente o plano para a próxima, na qual não acreditam no perigo de seus comandantes serem corrompidos. Eu estou convicto que em dez anos a revolução esteja em andamento, o que não será muito grave e logo chegará ao fim, quando então as tropas do governo desertarão e correrão para o lado dos revolucionários, como já aconteceu na primeira, que só acabou com uma enorme quantia de dinheiro fornecida aos líderes. Os homens fracos daqui, como os oficiais, não podem competir com os valentes gaúchos. Se tiver ainda alemães lá e eles mantiverem sabiamente a neutralidade, são os que mais ganharão, e até então já serão tantos que não se atreverão a mexer com eles. Se agora fossem para lá 500 trabalhadores de todos os ofícios, teriam lucro logo dentro de 4 semanas e se fossem 10.000 colonos, todos trabalhadores, em cinco anos estariam bem de vida, mas isto só no Rio Grande, pois aqui no Rio de Janeiro - Província - existe entre os pobres alemães enganados uma triste e horrível miséria.

As pessoas trabalham em Petrópolis para o governo, mas já faz oito semanas que não recebem um níquel de ordenado e estão perto de morrer de fome. Além de tudo, mesmo quando recebem ordenado são enganados miseravelmente pelos funcionários do governo. Eu falei com alguns deles que foram trazidos pela Casa Delrue e Cia de Duenkirchen, e por esta ainda explorados, que me contaram sobre sua miséria e quase choraram. Todos os estrangeiros que estavam em Petrópolis disseram o mesmo. Os artífices estão muito bem, mas colonos e trabalhadores diaristas estão em profunda miséria. E continuam a chegar sempre navios com estes pobres e enganados, e o trapaceiro acima mencionado, quer trazer 30.000 em seis anos. Eu irei tão logo que posso a Petrópolis informar-me bem e enviar um

[1] *N.T.* - Campanha - campo extenso, planície.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

relatório para a Alemanha, que talvez ainda possa prevenir alguns. Mas no Rio Grande as pessoas progredirão e serão felizes. Eu procurarei convencer as pessoas que estão em Petrópolis morrendo de fome, a ir para o Rio Grande. A passagem até lá poderão pagar trabalhando a bordo dos navios, o que muitos capitães fazem.

.....

[Aqui termina a primeira folha desta carta. Dr. Blumenau escreve na margem: Esta folha peço não mostrar para ninguém, não falar a ninguém também sobre o assunto relativo à colonização, pois posso ser prejudicado se algo for a público antes da hora.]

.....

Serão em verdade meio ano quase como escravos, mas depois estarão amparados, enquanto aqui mais cedo ou mais tarde certamente perecerão.

Agora depois que relatei as condições gerais, quero lembrar ainda algumas especiais, apesar de novamente não poder escrever como gostaria, porque tenho muito que fazer e meus olhos estão fortemente atacados. Quando voltar à calma e já tenha me entrosado mais nas condições de vida, preciso deixar para mais tarde um relatório de viagem mais detalhado. Agora escrevo pequenas coisas de minha vida e dos afazeres desde que cheguei no Rio Grande, de onde enviei duas cartas a vocês, por falta de tempo e por saber da partida dos navios muito tarde.

Viajei do Rio Grande de vapor para Pelotas, junto ao Rio Gonçalves que liga a Lagoa Mirim à Lagoa Pelotas. A travessia durou cinco horas e foi muito agradável. As margens do Rio Gonçalves são baixas e pouco pitorescas, mas longe, à nordeste, se vê lindas serras azuis, a Serra dos Taipes. Nas margens do Rio Gonçalves vi pela primeira vez, do navio, uma Capivara, uma espécie de hipopótamo em tamanho menor, quase sempre vivendo na água e do tamanho de um porco pequeno. Além disto vi algumas espécies estranhas de pássaros. O capitão do vapor, um simpático patrício, permitiu que ficasse a bordo à noite, onde dormi bastante bem, enrolado em meu casaco. No dia seguinte pedimos que um outro alemão, que conhecia bem o país e era uma espécie de vaqueiro, viesse a bordo a fim de falar de um passeio para o interior, que eu tinha intenção de fazer. Fiz muitas per-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

guntas e recebi algumas preciosas informações. Depois passeamos um pouco e conheci muitas coisas, que eram completamente novas para mim e que observei com interesse. Especialmente *plantas* quase todas estranhas e novas, palmeiras, arbustos de rícino, cactos grossos como uma perna e com 12 - 16 pés de altura, figos da Índia (uma outra espécie de cactos que serve como cerca). Em poucas palavras, apesar da região não ser muito fértil, ofereceu-me muitas novidades. Perto do vapor ficava uma charqueada, onde se prepara a carne seca salgada, as peles são secas ou salgadas e a banha é freqüentemente derretida. Estas charqueadas estendem-se pela margem do rio por duas horas e as maiores abatem diariamente 300, 400 até 600 cabeças de gado. O aspecto destas charqueadas, nas suas proximidades e o odor são horríveis - sangue por tudo, ossos, carne decomposta, peles, etc. buchos e miúdos apodrecem nas imediações e infestam o ar. Dos ossos que se localizam nos chifres, fazem cercas nas quais ficam porcos ou outros animais que em parte se alimentam dos restos de carne. Em todo lugar que se pisa tem sangue, buchos podres, ossos e mau cheiro. Fiquei contente quando fomos embora, mesmo sendo interessante para mim. Os proprietários destas charqueadas são em geral homens rudes e ganharam muito dinheiro, principalmente nos últimos tempos. Se vier a paz no país vizinho, o que agora já está previsto, o lucro será menor, mas o ganho ainda continuará bem alto. Mais tarde visitei outro comerciante alemão, que me recebeu muito bem, pôs à minha disposição uma casa e um cavalo e queria fazer um passeio comigo. Depois passeei um pouco e vi pela primeira vez um lindo laranjal, que proporcionava uma visão espetacular com as belas árvores de folhagens escuras, a copa redonda e bem fechada e os maravilhosos frutos avermelhados, que tinham acabado de amadurecer. É uma bela paisagem ver estas laranjas douradas a centenas, uma bem perto da outra. As laranjeiras já carregam no quinto ano de vida e no décimo ano já devem dar 4-6 mil laranjas anualmente. Contaram-me que no interior, árvores de cerca de 8 polegadas de diâmetro dão cerca de 4-6 mil frutos, e têm só oito anos de idade. À noite encontrei na casa do senhor Claussen vários brasileiros já bastante alcoolizados, e falamos sobre meu passeio que depois de muito discutir ficou acertado. Mais tarde veio ainda um *pequeno grupo de jovens* que estava *fantasiado de poloneses e polonesas* e dançaram uma polca nos costumes originais, mas muito bonito acompanhado por bela música ao violino, flauta e tamborim. Depois que os outros beberam a valer, mas lembrando-me do passeio no dia seguinte fomos dormir, e eu subi na minha cama de campa-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

nha, cobri-me com uma coberta e meu casaco e dormi bem até a manhã seguinte, quando o capitão do vapor veio apanhar-me para o passeio na Serra dos Taipes. Agora começava o pior: o dono da casa, Claussen e alguns fazendeiros que estavam hospedados na casa dele, e tinham ainda bebida na cabeça, não puderam ser acordados. Eu tinha um cavalo, mas não tinha sela. Primeiro precisaram procurar muito e ainda com a morosidade dos negros, era de enlouquecer. Depois de três horas estávamos prontos, isto é, o capitão e eu, os outros com ressaca nem perceberam a nossa partida - o que foi melhor para mim, pois só teriam nos atrapalhado. Nós cavalgamos à nordeste em direção à Serra, por terreno plano, aqui e ali um pouco pantanoso. Há três horas da cidade queríamos trocar os cavalos na casa de um amigo do capitão, mas este não estava em casa e tivemos que continuar com os nossos que não eram muito bons. Mais adiante entramos em uma estância para nos refrescar. O proprietário não estava, mas sim sua esposa e irmã, ambas (Chinas) ou Índias, com os olhos um pouco rasgados, pele bastante amarelada e longos cabelos pretos. Como era domingo, estavam bem vestidas, com bonitos e modernos vestidos de chita e os cabelos bem trançados. Mas aí havia um contraste bem interessante entre civilização e naturalidade. Uma cruzou a perna ao sentar-se no banco e colocou o queixo no joelho, enquanto a outra penteava uma criança, conversando com meu companheiro, palitando uma vez ou outra os dentes com o pente. Ali tomei pela primeira vez o chá mate (erva mate), a folha de um certo arbusto em forma de árvore que é seca, torrada e moída. Joga-se água fervente por cima, adiciona-se açúcar se o desejar e suga-o com um canudo de lata, prata ou ouro, e embaixo, onde é introduzido no chá, há uma bola fina, oca e com furos. Inicialmente queima-se facilmente os lábios, como aconteceu comigo, porém depois o chá é muito saboroso, mesmo sem açúcar e dizem que é muito saudável. Ele é preparado em uma cuia do tamanho de um punho, e às vezes decorada com prata. Suga-se até que vier chá na boca, depois vem uma preta, pega a cuia e coloca mais água fervente e açúcar, e assim a cuia passa de mão em mão, onde o canudo que, talvez o vizinho tenha sujado, não pode ser limpo, porque é considerado como ofensa. Quando o chá perde o sabor joga-se fora e coloca-se nova erva na cuia.

Depois de muitos agradecimentos e trocas de gentilezas pela hospitalidade, seguimos nossa viagem. Após algumas horas chegamos ao sopé da montanha na casa de um outro amigo num sítio cujo o nome era "Muito Bonito". Fomos gentilmente recebidos e eu comi pela primeira vez carne de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

gado em pedaços com toucinho enrolado em farinha de mandioca como era o costume regional, servido também com laranjas à vontade. Foi uma estadia muito interessante, um sítio muito bonito de ¼ de léguas quadradas, bem dentro de uma verdadeira floresta de laranjeiras e muitas outras frutas. Perguntei pelo valor aproximado do sítio e me disseram que por 12.000 dólares o venderiam (18.000 moedas de prata). Seria uma propriedade para um bem situado alemão. Só fica 6 horas de distância da cidade de Pelotas e do porto e com boas estradas. Ali encontrei primeiramente diversas qualidades de laranja, a saber a verdadeira laranja, (da qual existem diversas qualidades menores e maiores e de diversos sabores, como as nossas qualidades de maçã) ou nossas laranjas de casca vermelha-amarelada, a laranja lima ou lima com casca amarelo-limão, doce, mas um pouco sem gosto, a laranja umbigo ou a bergamota (da qual se extrai o óleo de bergamota, doce igual a ela e sem nada de especial). As limas não são tão boas quanto as laranjas, mas têm a vantagem de dar o ano todo, ao contrário das laranjas, que dão só seis meses. O limão também aparece em diversas qualidades é bem mais azedo e alguns maiores que os nossos; e finalmente diversas qualidades de laranjas amargas, na Alemanha chamadas de *pomeranzas*. Além disto havia outras belas árvores frutíferas como pêssegos, figos e pinheiros (dá um tipo de pinha ou noz, o pinhão), cana de açúcar, tubérculos de todo tipo, etc., que os vi todos pela primeira vez. Paralelamente uma porção de *lindos arbustos em flor*, apesar de ser inverno agora, há lindas acácias de cor púrpura com grandes botões quase de cor escarlate.

Foi muito prazeirosa a visita, cuja a amável recepção, simples mas cordial das pessoas a tornou ainda mais agradável. Depois de ter comido bastante, experimentado as laranjas e no final ter tomado um café, partimos para alcançar a moradia de um outro amigo, que morava mais algumas milhas serra adentro. Mas uma milha antes fomos surpreendidos pela noite e tivemos que ficar numa fazenda, mais bonita ainda que a "Muito Bonito". Fomos igualmente bem recebidos e nos serviram lingüiça e farinha a pedido do meu acompanhante, pois eu estava com muita fome. A cama era um pouco dura, a noite fria e como só tínhamos nossos casacos para nos cobrir, senti um pouco de frio, mas dormi muito bem. De madrugada os moradores começaram a descascar mandioca e preparar a farinha à luz de grandes tochas. O sossego terminara, levantamos, fomos ver o preparo da farinha. Como levasse muito tempo, pegamos nossos cavalos e continuamos nossa jornada, após muitos agradecimentos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

No cimo das montanhas a geada caíra pouca, mas nos vales estava com um dedo de grossura no charque, mas logo desaparecia. Era uma deliciosa manhã e apesar da longa cavalgada estava bem disposto. Após duas horas, chegamos à fazenda do senhor Seraphin Barcellos, onde meu companheiro de viagem, que lutou entre os revolucionários, se hospedou por várias vezes. Fomos recebidos de forma mais cordial e amigável, visitamos a terra e a estância e adquiri conhecimentos valiosos sobre produtos da terra, agricultura, valor das propriedades, etc.. Sobre isto escreverei mais tarde. Após um sólido lanche, sem pão, mas com boa carne e farinha, fomos para a floresta, para alguns ribeirões onde diziam que haviam sido encontrados vestígios de jazidas de ferro e que eu queria ver. Não encontramos nada, mas vi mais algumas belas árvores e flores etc., e outras coisas tão esquisitas. E o tempo passou rapidamente. Os riachos ali contém ouro, tanto que um homem pode recolher diariamente dele 3 ducados. Isto é muito, mas esta indústria estraga as pessoas e é como um jogo de sorte, muitos ficam pobres e poucos imensamente ricos. Mas todos, por causa do lucro fácil, tornam-se desleixados e preguiçosos, ao contrário da terra fértil e boa, que sempre sustenta o homem. Foi ali também que vi pela primeira vez as abelhas nativas, que vivem na floresta e são capturadas ali, não tem ferrão, são menores que as nossas e não são tão atrevidas e ousadas, mas sim muito tímidas e temerosas. Elas fazem o ninho em árvores ocas, constróem grandes células (como avelãs ou nozes). Fornecem uma cera escura e mole e um mel não denso, mas muito gostoso. Para manter-se a colméia descasca-se os galhos, onde elas vivem e serra-se de ambos os lados, onde está o buraco. Parte-se então este pedaço, retira-se a cera e o mel e junta-se então novamente o toco. Depois passa-se argila em tudo, deixando uma pequena abertura para entrada e pendura-se novamente o tronco. As abelhas voltam para lá novamente e continuam a produzir. O negócio está muito no início ainda; uma boa cultura de abelhas, especialmente com nossas abelhas européias, poderia trazer resultados muito bons.

De tardezinha, depois de despedidas cordiais e abraços e repetidos convites para voltar em breve, empreendemos viagem para chegar novamente a "Muito Bonito", onde fomos convidados para pernoitar. Erramos o caminho e cavalgamos até nove horas da noite sem encontrar uma casa e chegamos finalmente muito cansados em uma Estância na floresta, onde havia alguns negros e a proprietária era uma mulata. Apesar da aparência não muito boa, fomos obrigados a ficar. Ofereceram-nos algumas costelas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

assadas com farinha e a fome empurrou a refeição simples, apesar de não ser muito limpo, pois tivemos que usar as mãos, já que não havia garfos. Depois serviram mate e após fumar alguns charutos e eu refletir sobre o dia que passou, fomos dormir em uma cabana, que ainda estava em construção e não tinha paredes, mas tinha um teto. A cama em cima de uma porta era muito dura, mas com o cansaço, dormimos muito bem. Ao romper do dia partimos em direção a "Muito Bonito", onde fomos novamente bem recebidos. Depois de um bom almoço, e de ter visitado a fazenda, partimos e à noite chegamos a Pelotas, eu com o traseiro em frangalhos, mas satisfeito com o resultado do passeio.

No dia seguinte visitei uma fábrica de sebo que pertencia a um francês. Ele me conduziu através dela e trocamos muitas idéias sobre a fábrica. Ele começou com muito pouco há 5 anos, após muito trabalho e esforço já possuía agora uma grande fábrica com 25 escravos. Ele me deu algumas esperanças de um estabelecimento químico e me convidou, caso eu voltasse novamente para Pelotas e quisesse aprender seu negócio, para voltar a vê-lo. No dia seguinte voltei ao Rio Grande e lá chegando tive que embarcar logo no vapor que viria para cá. Sobre esta viagem escreverei mais tarde.

Vejam meus queridos pais, desde que pisei em terra firme, mal pude respirar direito. Aqui é preciso sempre estar atrás de seus interesses, mas depois também se tem mais lucro do que na Alemanha. Aqui no Rio de Janeiro a hospitalidade é bem menor e todas as minhas recomendações de nada ajudaram e eu gasto aqui muito dinheiro, razão pela qual pretendo ir embora logo. De convites para mesa nem se fala, porque quase todos os estrangeiros moram cerca de duas horas distante da cidade e só vêm para resolver seus negócios e voltam. Não estive com H. Froehlich para o qual trouxera cartas de seus filhos. Dizem que é um homem um pouco estranho. Era antigamente em Bremen simples trabalhador diarista, agora é muito rico com sua atividade profissional, mas tem costumes estranhos e é muito grosseiro e me preveniram que não fosse visitá-lo para não me incomodar. Uma filha sua que mora a 1 hora e meia distante da cidade me recebeu muito bem com o marido e sobrinho. Minhas cartas de recomendações, com exceção de alguns conselhos, que me foram muito úteis, foram de pouca utilidade material. Mas encontrei entre estas, outras famílias que se interessaram muito por meus projetos e foram muito prestativos. Além disso encontrei uma família, à qual pretendo ligar-me e que me recebeu muito amigavelmente, apesar de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

eu não ter sido recomendado a ela. O seu chefe é um comerciante de Hamburgo, senhor Bahre, muito sensato, um pouco excêntrico, mas que veio para cá com planos idênticos aos meus, relativos à colonização. Ele tem uma esposa muito gentil, que é o seu oposto em caráter. A família irá talvez ao Rio Grande - Pelotas ou Montevidéu, pois não gosta daqui e eu tenho muita vontade de acompanhá-los, porque o senhor Bahre ofereceu-me um negócio, caso a colonização não der certo.

Na Província do Rio Grande a hospitalidade é cordial. Pode-se viajar meses, sem gastar muito, a não ser com o milho para o cavalo. É uma ofensa muito grande, se oferecer pagamento na fazenda onde se comeu, bebeu e pernoitou. Se formos gentis com as crianças, podemos assegurar sempre a hospitalidade mais leal, mesmo se ficarmos por semanas. – Se eu quiser viajar no Rio Grande me custará muito pouco.

O que se fala sobre animais selvagens e cobras, também não é o que dizem. Se quisermos ver uma onça viva ou um tigre temos que ir à floresta caçá-los, porque são tímidos ao homem e só irão atacá-lo se estiverem com fome ou feridos. Interessante é que não atacam o branco, se este estiver na companhia de um negro, mas atacam o negro. Com as cobras também não é grave como descrevem. Existem muitas, mas raramente alguém é mordido, porque elas têm medo e fogem.

(Seguem descrições de cobras, mordidas de cobras, e outros insetos venenosos, o aspecto dos sofrimentos físicos por picadas de mosquitos e percevejos.)

No Rio Grande todos estes incômodos são muito raros, principalmente agora que é inverno. Mesmo que os perigos fossem maiores, temos por outro lado, a beleza da terra e o clima, pelo menos no Rio Grande, para onde sempre voltarei, e podemos suportar alguns sofrimentos. Um clima suave, não muito quente, mas também não tão frio, e ainda solo seco, saudável e fértil, frutas maravilhosas, todas as qualidade de frutas e verduras européias – o que mais se pode querer? Além disso ferro e carvão mineral, ouro, comércio e altos salários – pode existir uma terra melhor para os alemães? Só um pouco mais de boa fé por parte do governo.

Em Montevidéu é um pouco mais frio, mas também saudável e quando voltar a paz os alemães irão para lá provavelmente, onde há mais ordem e justiça do que aqui. Lá cresce o trigo de forma excelente. O trigo desenvolvia-se bem no Rio Grande, mas faz 20 anos que é atacado pela ferrugem e não há mais lucro. Ao invés disso planta-se centeio, cevada, milho,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

batatas, mandioca, etc. – Se não der certo no Rio Grande, então irei talvez para Montevidéu com a colonização, como já propôs-me um rico espanhol, cuja terra eu ainda não conheço bem. De qualquer modo, encontrarei aqui o meu futuro, se meus olhos permanecerem bons, e já posso dizer agora, que jamais me arrependerei de ter vindo para cá, contanto que eu tenha saúde.

[Seguem conselhos para os filhos de Gärtner, caso queiram vir ao Brasil, o mesmo para Karl e Wilhelm Kegel em Ottenhausen.]

Muitas lembranças!
H. Blumenau.

(Terminada a 5 de agosto de 1846)

Às margens do Rio Plata está tudo muito estranho e é impossível saber até onde vai tudo isso. – Daqui para o Rio Grande estão indo tropas constantemente, para se assegurarem, caso a Inglaterra e a França façam a brincadeira de incluir o Brasil em alguma convenção. – É uma verdadeira comédia lá embaixo. Rosas está morrendo de rir e vai mandar provavelmente a Inglaterra e a França outra vez às favas. As novas notícias são bem incertas e contraditórias. Esperar é o melhor conselho aqui.

Aos de Augsburg ainda não escrevi, tenho muito assunto, mas ainda não tive tempo, especialmente para não comprometer minha colocação aqui. Tão logo saiba em que situação me encontro, enviarei notícias políticas (talvez) e tão logo tenha um pouco mais de tempo enviarei relatórios de viagem e afins, para o qual já tenho muito assunto.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

A história registra neste ano de 1998, os 105 anos da Revolução Federalista.

Este movimento revolucionário iniciado no Rio Grande do Sul teve repercussões em nosso Estado e conseqüentemente em nossa cidade.

Para relembrar o acontecimento "Blumenau em Cadernos" se utiliza de trechos da palestra proferida por Curt Hering em uma sessão do Rotary no dia 07 de março de 1944, na qual descreveu o acontecimento.

Republicanos X Federalistas*

Texto:

*CURT HERING***

"O primeiro Governador de Santa Catarina, depois de proclamada a República, foi o Dr. Lauro Severiano Mueller, que em virtude de maquinações da oposição, foi obrigado a deixar o cargo prematuramente. Por motivo de moléstia deixou também o cargo de Presidente da República, em fins de 1891, o marechal Deodoro da Fonseca. Seu posto foi ocupado pelo então Vice-Presidente marechal Floriano Peixoto, o chamado "Marechal de Ferro". Seu governo foi árduo, pois ele teve que se bater quase três anos contra lutas internas no país, das quais também tomou parte a marinha de guerra, sob o comando do almirante Custódio de Mello, que se revoltou contra o governo do marechal Floriano.

O nosso Estado e o nosso Município não foram poupados por essa revolução de terra e mar. No estado do Rio Grande do Sul levantaram-se em oposição ao governo de Floriano Peixoto, os federalistas, conhecidos na boca do povo, como "mara-gatos". Um desses chefes federalistas era Gumercindo Saraiva, gaúcho da fronteira, que com as suas tropas, depois de atravessar de um a outro lado o vizinho Estado do Rio

* *Palestra publicada na revista "Vale do Itajaí" No. 21, ano 2 em 25.12.1946 (Acervo AHJFS).*

** *Curt Hering foi Prefeito de Blumenau de 1923-1930.*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Grande e a nossa zona serrana, bateu também um dia às portas de Blumenau, pedindo passagem franca. Em virtude de certos acontecimentos de meses anteriores, Blumenau havia granjeado certa fama e respeito. Por isso Gumercindo preferiu, antes de entrar em nosso município, mandar um emissário para negociar as condições. Por esse emissário, que se chamava Wallau, mandou nos dizer o chefe revolucionário, que ele aguardava na Subida com 2.000 homens, a resposta ao seu pedido de passagem livre. Prometia ele nada acontecer à população se a mesma se mantivesse calma. O então recém-nomeado delegado de Polícia, o advogado Felipe Doerk, assumiu com o emissário a garantia de fazer passar as tropas revolucionárias por Blumenau sem incidente. O próprio Felipe Doerk foi a cavalo ao encontro das tropas até Aquidabã, e voltava então à frente dos revolucionários. Blumenau fechou portas e janelas e atrás delas a população assistiu o passar das tropas revolucionárias. O aspecto não era muito bom, a tropa trazia consigo gente mal encarada e semi-nua e vinham todos na maioria rotos e esfomeados. Antes de tudo encheram aqui a barriga e recompuseram o vestuário. Gumercindo Saraiva, no entanto, era um homem alto e vistoso, montava um cavalo preto, que, tocado pelas suas esporas, dançava de um lado para o outro. Cavaleiro e cavalo exerceram sobre mim uma impressão imponente. O que havia sido prometido, fora cumprido: a cidade e município de Blumenau nada sofreram. Apenas foram feitas requisições que nunca foram pagas, embora se deve dizer não atingiram elas limites demasiados.

No entanto depois de três dias tiveram os revolucionários pressa em deixar a cidade, o que efetivamente nos pasmou. Mas, de repente se espalhou a notícia de que as tropas do governo estavam em marcha e, de fato, mal tinham partido os federalistas de Blumenau, na direção de Itajaí e já, vindas também da Subida, apareciam aqui as vanguardas dos republicanos, os chamados picapaus. Eram em total mais ou menos 3.000 homens, cujo comando estava a cargo do general Lima. O chefe político da tropa era Pinheiro Machado. Vi-os, ambos em nossa casa de negócio, onde fizeram compras. Os blumenauenses eram na sua maioria adeptos de Floriano Peixoto e deste modo, as tropas do governo foram recebidas com simpatia. Principalmente os chefes republicanos locais — Bonifácio Cunha, Paula Ramos, Hermann Baumgarten, Cunha Silveira, Leopoldo Knoblauch, Paulo Zimmermann, Lostada, Fides e Caetano Deeke e alguns outros, respiravam aliviados e saíram dos seus esconderijos e se alegravam em poderem por-se à disposição de Pinheiro Machado.

Também os 3.000 homens das tropas governamentais estavam bastante acabados, e desarranjados em virtude das grandes marchas feitas. Aqui foram então requisitados vestuário e os víveres necessários, mas os bilhetes de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

requisições foram, mais tarde, liquidados prontamente. Nós fornecemos, naturalmente, camisas de meia e até ternos de tricô.

Depois de uma semana de permanência, as tropas do governo seguiram para Itajaí. Aí entraram em luta com os federalistas que tinham recebido reforços em homens e munições da marinha. A pequena batalha perto de Itajaí ficou indecisa; mas como a munição das tropas governamentais já estava escassa, resolveram estes recuar, principalmente tendo em vista, que a Capital do Estado — Desterro — também estava em poder dos revolucionários. Desterro era a principal base naval dos revoltosos. As tropas republicanas entraram de novo em Blumenau, mas seguiram logo sem grande estágio aqui, rumo à serra. O coronel Mena Barreto, o comandante da retaguarda, foi o último que deixou a nossa cidade! Os federalistas vieram naturalmente no encalço dos republicanos e a coisa se tornaria crítica.

Apoiados por fuzileiros navais, fanáticos pela causa, e sob a chefia política de Elesbão Pinto da Luz, que com seus soldados policiais havia sido tocado de Blumenau, cerca de meio ano antes e o qual, como se propalava, queria agora vingar-se da afronta, aproximavam-se as forças revolucionárias vindas de Gaspar. Por isso uma grande parte da população de Blumenau, como medida de cautela, largou-se no mato, ou pelo menos para fora da cidade, pois que até cá já haviam chegado rumores que Blumenau seria arrasada e os chefes políticos degolados. —Até um pequeno navio de guerra, o "Angra dos Reis" veio rio acima até a nossa cidade, graças a uma enchente. Os canhões do "Angra dos Reis" estavam assestados contra a cidade e contra o prédio da Câmara Municipal e ao menor movimento de resistência da população, deveriam abrir fogo.

Foram dias críticos para Blumenau, e também a nossa família havia se retirado da cidade (Rua 15 de Novembro) para o bairro de Bom Retiro. Aí tínhamos comprado, dois anos antes, um terreno, a fim de mover a fábrica à força hidráulica e para lá nos refugiamos. Também outras famílias blumenauenses haviam buscado para aquele lado uma guarita segura, e principalmente o gado e os cavalos que se encontravam na cidade, foram tocados para lá. Aquilo era de fato um "bom retiro", naqueles dias de apreensão. Só por acaso não recebemos a visita dos requisidores das forças revolucionárias. Casualmente, um tal Murphie, professor dos Padres, havia levado também para o nosso pasto os seus animais e encontrando em caminho a tropa requisidora, convenceu-a, por isso que era tido simpatizante dos federalistas, que para os fundos de "Bom Retiro", nada havia que pudesse ser carregado, nem gado, nem mantimentos. Deste modo vimo-nos poupados da desagradável visita dos revoltosos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

OS FEDERALISTAS EM BLUMENAU

Parte da Oficialidade

No entanto, Blumenau, cuja populaçao, na sua maior parte, como já disse, tinha abandonado a cidade, não foi arrasada, como fora propalado pelos boatos.

Com a partida dos revolucionários, que em parte seguiram para a serra de Joinville e em parte desceram para Itajaí. A cidade voltou à sua vida normal. Comercialmente, porém, a coisa andava ruim. Tudo estava paralisado, por falta absoluta de transporte, visto que a navegação havia parado completamente. Também as constantes requisições deixaram uma lacuna bem sentida na vida comercial de Blumenau.

A revolução se arrastou ainda por alguns meses. Mas depois da vitória alcançada pelas forças do Governo, na cidade de Lapa, Paraná, em fevereiro de 1894, e o posterior afundamento do então maior vaso de guerra "Aquidaban", deu-se em Abril de 1894, a revolução por terminada; só no Estado do Rio Grande do Sul continuaram as lutas entre picapaus e maragatos, até o convênio de Pelotas (Agosto de 1895)".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Fragmentos de Nossa História Local

Revolução de 1893 em Blumenau*

Buscamos reproduzir alguns textos que foram publicados numa edição especial do Jornal "Blumenauer Zeitung" comentando a investida das tropas federalistas contra Blumenau, em 28 de julho de 1893.

Naquela acasião diante da instabilidade política estadual os republicanos blumenauenses aclamaram através da Câmara Municipal, Hercílio Pedro da Luz governador do Estado (22/07/1893). Formaram uma frente cívica para dar posse a Hercílio Pedro da Luz no Desterro.

Enquanto esta frente dirigiu-se à capital, o governo estadual enviou tropas para tomar Blumenau e este episódio foi comentado pela imprensa um ano depois, conforme nos mostram os depoimentos.

O Dia de Hoje

Para cada página sombria que a história da República deve à desmesurada ambição de uns, contra a pátria brasileira em seus poemas fatos irradiantes de glória, em que só a convicção do dever pode dar o valor de colocá-los em prática. Rememorar-lhes as datas é uma obrigação patriótica de que depende o ensinamento dos povos.

É nestes exemplos e ao som dos hinos que os grandes feitos acordam, que edificam-se auréolas de abnegação e de estoicismo como as que ultimamente encravaram-se na constelação da república, e fulgurarão como eterno orgulho de seus defensores impávidos.

---

* Publicado na edição especial do Jornal "Blumenauer Zeitung" - julho/1894.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Blumenau que soube ocupar o seu lugar de honra na grande luta; que não deixou declinar um só instante o nível de seu apoio à causa da lei e do direito, recorda a grande data em que ficou pelas armas patente mais uma vez a sua pujança, o valor de quem combate pelo justo, pela paz e pelo gozo de todas as liberdades. Vencedor sempre, hasteando a bandeira republicana, depois da vitória da abstenção, onde num eleitorado de 2600 eleitores qualificados pelos próprios adversários só foram as urnas 174 votantes, concorreu as urnas ainda duas vezes conseguindo 1900 e 2000 votos enquanto os adversários obtinham 169 e 220. Era a derrota imposta por todos os meios; faltava apenas a das armas e ela teve o seu dia. Entre os louros que o labutar incessante de anos deixou-lhe sobre a fronte, alguns dos quais custaram-lhe amargurados dias, cintila assim a data de 28 de Julho de 1893, como edificante padrão por onde saberão seus companheiros e irmãos de lutas ler a apologia da tenacidade e da firmeza e fugir do torpor que parece querer estender-se sobre a nova política.

Os vilões da república que quiseram recusar a pátria a quem tinha vindo abraçá-la como berço esperançoso de seus filhos; que procuraram mascarar na injuria sentimentos que não tinham a coragem de expor, estremeceram até a medula, sentiram chocalhar desagregados os íntimos fundamentos de suas carcassas e fundirem-se as últimas ilusões de vitória no tropel de seus soldados desbaratados, que foram esbater os últimos dissabores da derrota em insultos de justo desafogo aos preparadores insensatos de tão insigne vergonha.

Foi Blumenau quem infligiu aos bastardos da República o mais pesado castigo, a confissão de sua impotência, a consciência de sua nulidade.

Salve o grande município pelo dia de hoje!

A paz que atualmente gozais é o fruto amadurecido aos ardores da luta pelos vossos direitos, será são como vossas consciências, duradouro como vossa lealdade e fecundo como a idéia nítida que tendes do cumprimento do dever.

J.B.C.[1]

[1] J.B.C. - José Bonifácio da Cunha - Chefe do Partido Republicano em Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

28 de Julho

Festejamos hoje o primeiro aniversário do malogro da expedição encenada pelo inolvidável tenente Manoel Joaquim Machado, pseudo-presidente deste Estado, contra o Município de Blumenau, derrota esta mais que triste para as criaturas do tenente e seus fiéis.

Para castigar Blumenau e subjulgá-lo organizara o governo do Estado uma força de cerca de 300 homens da infantaria e cavalaria, bem armada e municiada, entregando, para completar a probabilidade de vitória, a direção a oficiais do exército como o tenente Salles Brasil e pessoas conhecedoras das diversas circunstâncias locais como Elesbão Pinto da Luz.

Nos círculos governamentais não pairava a mínima dúvida sobre a esplêndida vitória, pois era incrível que a simples vista das forças estaduais não pusesse os blumenauenses em fuga.

A presunção de triunfo pois tornou mais deprimente o fiasco que fizeram as forças machadistas aqui, onde a população tinha em boa hora resolvido impedir a entrada dos amotinadores e provocadores dos escandalosos sucessos da noite de 1º de Junho de 1893, dando-lhe o pago de grande façanha.

Cada cidadão dos que acharam-se nas trincheiras reconheceu qual o seu dever e soube cumpri-lo na medida de suas forças. O pouco mais de cinqüenta cidadãos, bem armados, deram à polícia lição tão exemplar que ainda influiu poderosamente no ânimo dos revolucionários de terra e mar que mais tarde invadiram o município que estava acidentalmente sem elementos de defesa.

Como teriam procedido os tais *libertadores da pátria* se não sentissem respeito pela energia de Blumenau e a disposição de seus atiradores? Que respondam outros lugares do sul como Tubarão, vítimas do medonho saque.

Não foi senão o medo o que fez que fossem poucas as casas saqueadas, e estas mesmas por pedido de inimigos rasteiros, e não ficasse o município um monte de ruínas conforme almejava Salgado.

A importância, portanto, do 28 de Julho de 1893 é bastante grande para Blumenau festejá-lo.

H.B.[2]

---

[2] H.B. - Hermann Baumgarten - proprietário do jornal "Blumenauer Zeitung".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Uma Data Gloriosa

Fez hoje um ano que a gente assalariada dos Elyseus e Machados, no desespero de causa, tentou, a ponta de baioneta, invadir o município de Blumenau porque nele se tinha estabelecido um governo, que representava a vontade popular, e cujo único intuito era tão somente salvar o Estado de Santa Catarina do aniquilamento e da degradação, restabelecendo o seu regimento de ordem e de paz, implantado pela honesta administração do Dr. Lauro Severiano Müller.

Blumenau, porém, reconhecendo que o procedimento daqueles especuladores e ambiciosos, que se transformaram depois em verdadeiros traidores da sua própria Pátria, era um insulto sem nome atirado a sua face, deu o exemplo mais brilhante de patriotismo e energia, empunhando as armas e enxotando heroicamente de seu solo tão terríveis abutres, cujo único intento era despedaçar com as suas garras aduncas o que ela tinha de mais caro e precioso - a sua honra. Nunca se observa melhor o valor, a robustez de um povo, disse um notável orador, do que nesses momentos supremos em que corre risco a sua existência, em que um grande perigo o ameaça ou um grande inimigo o empolga. Se em tais lances é insensível, está perdido, irremissívelmente perdido, porque assim como nas pessoas o perdão é o mais nobre das vinganças, nas nações a desafronta é a mais culminante das virtudes. Então cada bombardeio é um trovão, cada baioneta um relâmpago e cada espada um raio. Então as pedras transformam-se em armas, os metais em escopetas, o bronze em brasas e as florestas em chuços. Então os campos reaparecem acampamentos, os montes fortalezas, as casas arsenais, os cidadãos soldados, os soldados heróis e os heróis mártires. E assim soube perfeitamente Blumenau compreender o seu dever e este seu exemplo de abnegação, de dignidade e patriotismo há de ser a página mais cintilante da sua história política.

F.M.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Antenas Cruzadas

Texto:

*GRETE MEDEIROS**

O pioneiro do radioamadorismo em Blumenau foi João Medeiros Jr., irmão de meu marido.

João operava seu transmissor artesanalmente montado por ele mesmo. Com a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial todos os transmissores foram lacrados.

No final da guerra estavam liberados e o radioamadorismo foi incluído na defesa nacional. A qualquer momento os aparelhos poderiam e ainda podem ser requisitados com os seus operadores. Mas o interesse destes diminuiu bastante com o silêncio. Foi criada então a "Labre", Liga de Amadores Brasileiros e a R.N.R., Rede Nacional de Radioamadores. O ingresso na rede era feito através de um requerimento para solicitar o prefixo que chegava em pouco tempo. João nos animou bastante. O Luiz fez a sua inscrição e prontamente recebeu seu prefixo: PY5QB, quadro bateria e assim ficou conhecido em pouco tempo. Comprou de um colega de Joinville chamado Otávio Rosa o seu transmissor e instalou-o com a devida antena em nossa casa.

Com grande entusiasmo entrou no ar em maio de 1947 e foi até 1993. Uma nova etapa começou na vida dele. Em 1948, recebi o meu prefixo PY5QZ, quadro giro. Fizemos muitos amigos, alguns nunca conhecemos pessoalmente. A R.N.R. formava uma grande família.

Nesta época a comunicação com os outros estados era precária. Para falar pelo telefone era preciso pedir uma ligação que geralmente só se concretizava depois de 24 horas, assim mesmo de-

* Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

pendia das condições do tempo.

Logo espalhou-se pela cidade que tínhamos um aparelho com o qual podíamos nos comunicar com o Brasil inteiro. Começaram a aparecer os mais diversos pedidos para conseguir uma ligação. Pedidos possíveis e impossíveis, alguns urgentes e outros menos urgentes, sempre tentamos realizar o melhor possível.

No radioamadorismo, há várias regras a serem respeitadas. Todos os comunicados precisam ser registrados com nome, data e hora marcada. É expressamente proibido fazer comércio, tratar de política e religião. É um "Hobby" que pode ser muito útil. Há três classes de operadores: Classes A, B, C e faixas disponíveis. Os da classe "A" operaram em todas as bandas, os da "B", em 40 e 80 metros e os da classe "C", somente em 80 metros.

Nós fazíamos parte da classe "C" e operávamos à curta distância. Na verdade, não sei se isto ainda permanece, estou bastante tempo fora.

Depois de algum tempo fomos convidados pela Labre para fazer exame e mudar de classe.

Como já havia alguns interessados no radioamadorismo aqui em Blumenau, formamos um grupo e fomos a Florianópolis prestar o exame "para mudar de faixa". Foi uma reunião muito alegre. Vieram colegas de todo o Estado e muitos já eram conhecidos "pelo ar" e agora tinham a oportunidade de se conhecerem pessoalmente. A reunião terminou com um belo almoço e a tradicional foto que guardo até hoje. Eu era a única mulher no grupo.

Realizei-me operando em todas as bandas. Todo o tempinho disponível aproveitava para fazer novos contatos. Em 15 metros tinha o mundo na mão.

Alguns comunicados nos marcaram muito. Lembro quando o Luiz transmitiu pela primeira vez em 10 metros, fez o chamado geral em inglês, língua falada universalmente. Para surpresa nossa foi contestado por um radioamador alemão, de Hamburgo, falando português. Luiz perguntou como é que ele falava nossa língua . Contou-nos que passou sua infância em São Paulo e estava voltando com a família ao Brasil para trabalhar na "Siemens do Brasil". Os pais dele moravam aqui e precisava

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

passar uma mensagem para a mãe avisando que a viagem iria demorar um pouco mais, pois a filhinha estava se recuperando de "Escarlatina". Conversando com ele, descobri que quando eu era menina, 8 anos, o pai dele vinha a Blumenau vender material fotográfico e havia estado algumas vezes em nossa casa e um dia me disse: eu tenho um menino de sua idade, ele se chama Helmut!! Era o próprio... o mundo é pequeno, mas no rádio ele se torna uma aldeia.

Um dia fomos procurado por um moço espanhol. Era veterinário em Indaial. Contou-nos que naquele dia estava casando-se por procuração na Espanha, e a família festejava o enlace, enquanto aqui permanecia para assistir uma vaca, em situação crítica para dar cria... Fez o contato com os familiares e ficou feliz. Tempos depois, este mesmo moço, nos procurou todo aflito com um cabograma da mãe. O pai na Espanha estava enfermo. Luiz chamou os colegas espanhóis e logo apareceu um aqui Burgos com telefone na mão. O moço teve assim notícias do pai e das dificuldades de conseguir "Penicilina". Tempos depois nos procurou novamente e agora para agradecer, pois por nossa causa encontrou o pai com vida e também conseguiu levar o remédio.

Outra vez nos procurou um senhor nervoso. Havia sido avisado que sua mãe lá no longínquo Recife estava doente. Conseguimos logo auxílio de um colega. Ao saber do que se tratava, pediu para esperarmos uma hora que logo iria nos chamar. Dentro de uma hora ele estava novamente no ar e com as notícias mais precisas possíveis. Ele era médico, foi fazer uma visita à doente, fez um exame e lá estava ele com o diagnóstico. Um belo gesto de solidariedade, que se encontra muito na R.N.R.

Nós mesmos tivemos que nos servir do rádio para uma consulta médica. Nossa filhinha de 4 anos estava muito doente, febre e mais febre. Os médicos fizeram os exames e nada encontraram. Ela aos 2 anos de idade teve uma doença parecida e foi tratada pelo Dr. Walbach, este médico morava naquele momento em Curitiba. Chamamos os colegas de Curitiba e um logo nos atendeu. Foi à casa do médico, trouxe-o para o seu "Schack" e assim pudemos consultá-lo. O comunicado demorou mais de uma hora. Ele me deu as instruções e conseguimos baixar a febre. Era realmente a repetição da febre reumática. Assim salvamos a vida de nossa menininha. Eu sempre digo: o radioamador já nasce com este sentimento

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

de solidariedade ou a adquire com a convivência. Se assim não acontecer, ele não se adapta na RNB e em pouco tempo desiste.

Mas tivemos também comunicados alegres e às vezes até cômicos como este que vou contar...

Morávamos ao lado do Cine Blumenau. A aparelhagem do cinema tinha uma deficiência na filtragem do som. Quando nosso transmissor entrava no ar, o som aparecia no filme. Geralmente não atrapalhava, pois o som do filme era mais alto... mas um dia aconteceu! Na tela estava passando aquele dramalhão "Adeus às Armas". Nós estávamos em comunicado com São Paulo por causa da morte de uma freira, natural de Rodeio. Os familiares estavam no "Schack". Na tela, uma cena em que a enfermeira perguntava : "devemos chamar os familiares?" Então entra no silêncio da dramaticidade da cena o nosso rádio: "Olha, nós não podemos ir ao enterro, mas amanhã de manhã, sai um caminhão de Rodeio para buscá-la". O cinema quase veio abaixo com as gargalhadas. Lá se foi a dramaticidade. Nosso telefone não parava de tocar, todos queriam saber quem tinha morrido.

A família dos radioamadores havia crescido muito e todos os meses nos reuníamos em um jantar de confraternização.

Surgiu então uma concentração estadual em Brusque. Foi uma festa muito bonita. Vieram colegas de muitos municípios.

Santa Catarina e Paraná faziam parte da Quinta Região Militar, e foi organizado um encontro entre os dois estados. As comemorações eram alternadas, um ano em Santa Catarina e outro no Paraná. Acredito que a maior que realizamos foi em 1958. Reunimos mais de 400 radioamadores e com tudo livre. Uma pequena quantia de inscrição e nada mais. De Pernambuco veio muito gente. Fretaram um avião. Tivemos também estrangeiros presentes. Foi um sucesso.

A Labre distribuía vários diplomas para a RNR. Isto estimulava muito. Luiz conseguiu o diploma de todos os estados brasileiros. Um diploma era difícil de conseguir, pois tinha que ser feito em 80 metros.

Pelo que me consta fui a primeira colega feminina a conseguir o DXCC, um diploma conferido a quem tinha cem países confirmados. Consegui 153 países. Em todas as direções girava com minha antena, uma cúbica de quadros. Uma noite estava me comunicando com a Groe-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

lândia. O colega gravou o meu câmbio, retransmitiu para mim. Foi uma grande emoção, escutar minha própria voz vindo de tão longe.

O mais fácil era falar com a Alemanha. Quando eu dizia que era do Sul do Brasil, Blumenau, os DL alemães vinham em bando. Eu então fazia uma brincadeira. Fazia dois câmbios em inglês para logo passar para o alemão! Como não era permitido a estrangeiros em qualquer país operarem, logo queriam saber como aqui os alemães podiam transmitir. Era para eles difícil compreender que eu não tinha imigrado, que meu bisavô veio ao Brasil em 1853, etc etc.

Foi um tempo muito bom, com muitos amigos que às vezes chegavam a se conhecer pessoalmente. Mas a maior parte nunca se encontrou frente a frente.

Tenho saudades daquele tempo, mas tenho também uma grande satisfação de ter ajudado a muitos e conseguido resolver alguns problemas.

Às vezes, olhando o nosso céu, fico pensando quantas conversas amigas ficaram gravadas neste imenso universo.

Você Sabia que...?

Em 1931 foram instaladas no "Morro dos Padres" as antenas de transmissão da primeira rádio de Santa Catarina e após um largo período experimental a mesma entrou no ar em 18 de março de 1935, com a denominação **Rádio PRC-4**.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

*O trecho Blumenau Itajaí pelo território de Brusque ao longo do Itajaí-mirim**

O projeto do conselheiro privado Hildebrandt, de conduzir a linha principal ao longo do Açu, como também o ramal de Ilhota a Brusque, seria correto, conforme o esboço, se não houvesse o obstáculo de terreno profundamente pantanoso. Porém, examinando-se as condições mais detalhadamente, não se pode negar ser realmente por causa dos pântanos e das montanhas, muito mais comprida na linha do Açu, ao passo que a linha Gaspar-Mirim apresenta trechos retos traçados pela natureza em um terreno alto, firme e seco. Conforme o esboço, o comprimento da linha projetada de Blumenau a Itajaí ao longo do Rio Itajaí-açu é de 42 quilômetros, ao passo que seria de 46,5 quilômetros a linha por nós intencionada por Gaspar e Barracão e que há de ir desembocando no vale do Itajaí-mirim. Ora, como já referimos, é completamente impossível que se construa a linha projetada Blumenau-Ilhota-Itajaí segundo as indicações do esboço, porque, em conseqüência das dificuldades que existem, seriam inevitáveis grandes modificações e portanto também rodeios. Menos o ramal projetado de Brusque à Ilhota dizem que, saindo para a Ilhota, está trancado por uma serra alta. Além do que, encontrou-se no caminho da Ilhota, mais um obstáculo ainda, a saber, um pântano profundo de 1 quilômetro de comprimento. Como nos consta, o Senhor Muzika, engenheiro de primeira classe está encarregado das medições ao longo do Açu, até Itajaí, ao passo que o Sr. Engenheiro Weitenauer mediu o trecho Calego a Brusque.

* Publicado no jornal "Der Urwaldsbote" - suplemento especial de 05/02/1910, p. 23.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Conforme ouvimos, ele não tem ordem nem de proceder a medições de Calego em diante até o vale do Mirim abaixo, nem de lado em direção do Gaspar. Ora, é a opinião geral que parece que o senhor conselheiro privado Hildebrandt nos queria obrigar a aceitar sem cerimônia os seus projetos e idéias. Claro é que não pretendemos ofender de modo algum o senhor conselheiro privado Hildebrandt a quem pessoalmente temos em mui alta consideração. Porém, reservamo-nos o direito de exigir que a linha por nós indicada seja escrupulosamente examinada e comparada à do senhor conselheiro. O referido cavalheiro até exigiu-nos que procedêssemos a medição a nossas próprias expensas, caso que ligássemos tamanho interesse à nossa proposta. Tal exigência era verdadeiramente extraordinária, visto como as nossas propostas não somente fazem proveito aos municípios interessados, mas também, e em primeiro lugar, à Companhia da Estrada de Ferro, com justiça e analisar os casos em questão, comercial e tecnicamente. É de mencionar ainda que o terreno da Ilhota possui um caminho fluvial admirável, enquanto o nosso rio, em épocas de falta de chuva, só é navegável com muitas dificuldades ou até não o é. É sem dúvida geralmente sabido que a maré se observa até um pouco acima de Blumenau, subindo no Mirim somente até o 8° quilômetro, a chamada Itoupava - prova incontestável de que o terreno do mirim é muito mais alto. Não somente o terreno superior requer que a linha principal passe pelo mirim, mas exige também o próprio interesse da Companhia que Brusque se toque o mais perto possível, para abreviar o ramal a este lugar e portanto toda a rede. Imparciais, como somos, entendemos que a linha principal deve ser construída na menor extensão possível, e é por causa disto que com muito prazer renunciamos a uma incorporação direta; porém, é a nossa convicção de que, estudando-se comparativamente as linhas do Açu e do Mirim, esta última representa o caminho mais breve e, sem dúvida mais barato. A nós sempre a sorte era adversa. Neste caso, porém, resolvemos ganhar a vitória que há de ser nossa em conseqüência de nossa exportação, muito considerável e cuidar do nosso próprio interesse e do de nossos filhos e netos. Nos últimos anos, o comércio blumenauense era bom comprador de nossos produtos. Caso devamos exportá-los pela Ilhota - então, adeus! Preferimos o transporte por

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

terra assim para Blumenau, como também para Itajaí. Mas, um ramal do Poço Grande ou ainda da Ilhota, não aceitamos, e sob estas circunstâncias renunciamos a honra de sermos tocados pela Estrada de Ferro Santa Catarina.

Segundo o relatório oficial da Agência de terras do 2º distrito, a exportação anual do município de Brusque é:

		Taxa de frete
1000 fardos de tecidos de algodão	1$000	1:000 $
10 fardos de tricotagens	1$000	10 $
20 fardos de cortinas	1$000	20 $
40 000 dúzias de tábuas	1$000	40:000 $
15 000 sacos de açúcar	0$600	9:000 $
3 000 sacos de arroz	0$600	1:800 $
2 000 sacos de café	0$600	1:200 $
2 000 sacos de polvilho	0$500	1:000 $
1 000 sacos de feijão	0$600	600 $
15 000 sacos de farinha de mandioca	0$400	6:000 $
1 000 sacos de milho	0$600	600 $
2 000 pipas de cachaça	5$000	10:000 $
800 caixas de manteiga, banha, etc.	1$000	800 $
2 000 000 de charutos, 200 caixas	2$000	400 $

Referem-se a importações os algarismos seguintes:

1500 sacos de sal	0$800	1:200 $
6000 sacos de farinha de trigo	0$400	2:400 $
1500 malas de carne seca	0$800	1:200 $
1200 fardos de algodão	1$200	1:440 $
5000 volumes de quinquilharias, pregos, fósforo etc.	1$000	4:000 $
500 volumes de líquidos, fumos, remédios	1$000	500 $
1 200 000 m de fazendas, 200 caixas	2$000	400 $
	Rs.	84:640 $

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Como vemos, a Estrada poderia cobrar cerca de noventa contos de fretes.

Nos anos que vêm, a Companhia construirá os 200 quilômetros subvencionados pelo governo federal. Há muitas pessoas aqui que desejam que o ramal de Brusque seja prolongado até o Ribeirão de Ouro, numa extensão total de 40 quilômetros, pouco mais ou menos, partindo da bifurcação perto do Calego e compreendido no número dos 200 quilômetros. Isso poderia fazer-se facilmente com alguma boa vontade.

Já se construíram	70 Km
a construir até o Rio do Sul	40 "
a construir até Itajaí	50 "
a construir até Ouro	40 "
	200 km

Sabemos por pessoa fidedigna que o governo federal depois de construídos os 200 quilômetros e tratando-se de vencer a Serra Geral, quer aumentar a subvenção: por conseguinte, a Companhia tem um grande interesse em traçar estes 200 quilômetros bem perto do litoral, construindo linhas que desde o princípio garantam um resultado bom.

É este o projeto aqui geralmente desejado, mesmo no interesse do Senhor Renaux, que já tem à sua disposição, para fundação de uma fábrica de cimento, um capital de um milhão e duzentos mil marcos, e que a construirá logo que se achar resolvida a questão do transporte. A produção anual importará em 120000 barris de cimento, do que para a Companhia da Estrada de Ferro resultará uma receita de Rs. 120:000 $ pela taxa de Rs. 1$000 por 150 quilos. Além disso, a fábrica necessita de 2000 toneladas de carvão, cujo frete orçamos em 4$000 por cada tonelada, de modo que a Companhia poderia cobrar mais 8:000 $. Ainda será um gênero de boa saída a cal hidráulica para os fins de construção, e farinha de cal crua, que se emprega na lavoura, de modo a podermos supor que só da fábrica de cimento a Estrada de Ferro tirará Rs 200:000$000 de frete. Não pode haver dúvida que, logo depois de franqueado um caminho até o Ouro, hajam de entrar novas correntes de imigração, porque justamente esta zona é a que tem terras excelentes.Também, em conseqüência da fundação da fábrica de cimento, serão criadas outras indústrias novas. Poucas léguas por atrás da fabrica há magníficos matos de erva

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

mate, que por sua vez dão lugar à criação de uma profissão nova. Segundo nos informaram, a Companhia em vista do conselho que o Sr. Renaux lhe dera, adquiriu todo o terreno interior de Brusque. Ora, supõem-se que dos 25000 hectares que a Companhia há de ceder ao governo federal, uma parte poderia ser cedida a Brusque, e que o governo assim também poderia proteger a colonização em Brusque.

Resumindo-se para terminar, mais uma vez os pontos principais, a saber que a Estrada de Ferro já hoje em dia tem uma receita de 90 - 100 contos de fretes abstraindo-se da fabrica de cimento; que no interior hão de nascer indústrias de valor, podendo-se estabelecer centenas de milhares de homens; que a linha de Brusque a Itajaí terá um comprimento de 32 quilômetros somente e poderá construir-se com um declive médio de vinte metros; que a municipalidade se encarregará das despesas da desapropriação contanto que a linha principal Blumenau-Gaspar-Campinas seja traçado sobre o Itajaí-mirim à cidade de Itajaí. - todos os que imparcial e logicamente examinam estas exposições, hão de entender que nós ficamos obrigados a combater contra toda e qualquer opinião que pretenda desencaminhar justificadamente os nossos projetos.

Também julgamos que o Senhor Dr. Lauro Müller, a quem eventualmente deveríamos a realização do projeto de uma estrada de ferro para Brusque, nos assistiria depois de sempre ter-se provado como homem justo e perspicaz.

Que as nossas palavras - é o que esperamos - não se desvaneçam no ar como a voz do pregador no deserto!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

A História Militar de Blumenau

Texto:

*THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ**

1. A História Militar de Blumenau

Imaginar-se que não são muitos os blumenauenses familiarizados com a própria história militar, não diminui o valor do patrimônio que herdaram: a herança permanece na significação que é a dela por natureza. Um detalhe merece destaque: o estrangeiro ingressou no voluntariado da Pátria por decisão pessoal e jamais, por amor patriótico; optou, no mínimo para não ser indiferente à guerra. Daí por que a História Militar de Blumenau começa lá quando o guarda-livros da "Kolonie Blumenau", interinamente, dirigindo os negócios da mesma, fomentou a organização do contingente: e pela iniciativa é o Hermann Wendeburg (1826-1881) (tão colono imigrado como os demais) diferenciado e incluído na aludida história. E do diferenciamento objetivo o imperador Pedro II, tomou conhecimento. Além de fomentar encaminhou com bom senso dando o comando do contingente ao militar profissional: o capitão de artilharia Victor von Gilsa.

(Neste terreno tratando desta história, é próprio apontar dois equívocos: (1) O alferes Emil Odebrecht não foi o organizador do Contingente; (2) Nem alcançou ser veterano da Guerra da Tríplice Aliança. São dois equívoco cometidos pelo ensaísta maior Moacir Werneck de Castro, in "Missão na Selva - Emil Odebrecht (1835-1912) Um Prussiano no Brasil". A fonte confiável sobre a História Militar de Blumenau é o historiador ten. cel. Henrique Oscar Wiederspahn, autor de "Blumenau na História Militar Brasileira"- Sobre ele já falecido podem informar os Institutos Históricos e Geográficos do Pará, de São Paulo e do Rio Grande do Sul, e também o Instituto Hans Staden (São Paulo, SP).

*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

2. O Quartel do Garcia

A História Militar não é lembrada por muitos, porém vez ou outra noticia-se na cultuação da tradição: tome-se mostragem no funcionamento de quartel do Exército Brasileiro, existente em Blumenau desde 11.4.1939: todos os seus edifícios não estavam construídos nesta data porém a unidade militar criada para ser sediada em Blumenau, chegou nesse dia e ficou. - A Infantaria do Gen. Sampaio renova-se durante meio século nove anos e meses em cada toque de alvorada. E absorvendo o valor militar do patrono, o 23º B.I. Jacinto Machado Bittencourt (catarina de árvore genealógica de infantes Barrigas-Verdes) vem a partir do comando do cel. Andrade, que é anterior ao do cel. Márcio - atual neste junho 98). - Num pensamento poemático inspirado à realidade desse quartel ser ocupado por unidade com a finalidade de ministrar instrução: não se lhe isulta, imaginar que opera a revitalização da competente presença do brigadeiro Silva Paes, que, assegurou ao domínio português a faixa territorial que é hoje o Brasil-sul. A qualidade militar do Barriga-Verde vem de lá. E modernizada como complemento da cidadania brasileira, está na instrução que o "Sentinela do Vale" ministra.

3. Sentinela do Vale

Tem uma referência popular carinhosa: "Batalhão do Blumenau". Entre militares, íntimos, (às vezes...) "Exército de Blumenau". - Tem escudo heráldico desde que o comandou o cel. Moziul, chegado para ele com a dignidade de ter participado em ação na Divisão de Infantaria Expedicionária (FEB). Dir-se-ia ter sido o aplicador aqui das mudanças que aquela Guerra provocou no militar brasileiro. Mas ao "Sentinela do Vale" jamais faltou a competência para exercer as finalidades, entre as quais sempre ofereceu o propósito de conviver com a sociedade em todos os níveis e setores, seja na tranqüilidade, nas práticas cívicas e sociais, na solução de problemas coletivos ou no enfrentamento de calamidades que enchentes provocaram: a literatura sobre a "Enchente de 1983", diz que atuou sob o comando do cel. Barreto com a prestatividade que lhe cabia.

Um dos seus comandantes (o ten. cel. Veiga Lima) foi exemplar colaborador da Campanha de Educação Florestal que o lembrado Victor Hering desenvolveu em Blumenau e o município de Indaial, foi pioneiro: à época ele

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

praticou o plantio de árvores no espaço caserneiro, as mais antigas foram plantadas no seu comando. E testemunhando a preocupação do comandante atual, cel. Márcio, em manter o Quartel do Garcia como espaço comunitário nacional, por que é do blumenauense, como do ibiramense, ou do indaialense como do gasparense, é também do brusquense e de todos que são alcançados pela circunscrição de sua competência. Deponho que também com esta preocupação testemunhamos o cel. Moziul. Ele, no congraçamento, até envolveu seus comandados no teatro amador praticado no Teatro Carlos Gomes.

O espírito de congraçada fraternidade visando conviver ativado e estimulante familiaridade, foi constante valorizada e manipulada, desde o primeiro comandante do 32° B.C., maj. Nilo Guerreiro: no seu comandamento instalador, foi destaque aplaudir o prefeito José Ferreira da Silva, quando criou e instalou a Biblioteca Pública Municipal "Dr. Fritz Müller". Aplaudir mais e além da palavra: aplauso. Conseguiu o major cmt. que a Companhia Editora Nacional (São Paulo, SP) doasse os volumes publicados da "BRASILIANA" (então relacionados na Biblioteca Pedagógica Brasileira).

Recepção do 32° B. C.

Relacionados os momentos mais destacados em que o Exército Brasileiro apareceu responsavelmente, (visível como foi o 23° R.I. em Blumenau e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

regionalmente, no "DIA DA VITÓRIA" (08.5.1945). Nos recantos do mundo os que venceram festejaram, os que perderam debruçaram-se na desgraça).

O comandante do Batalhão. (Como se dizia e se diz popularmente) - Aceitou aparecer na coordenação da tranqüilidade por que as autoridades civis e religiosas combinaram com ele que assim fosse: dispunha da autoridade, competência e meios; também os do patrimônio das classes produtoras, viram-no na dignidade própria e confiável.

A execução da tarefa consistiu em "Prova de Fogo": Blumenau era como é, um caldeirão de mistura de etnias onde a germânica aparece liderante porque vem lá de 1850. E mui visivelmente, a maioria descendente do alemão, não separou a doutrinação do Nazismo dos valores indimensionáveis do Povo que fez a Alemanha, culturalmente, maior. Por outro lado os americanófilos exaltados usufruíam ter o DIA pelo qual esperaram.

4. "O DIA DA VITÓRIA"

Naquele dia só saíram do Quartel do Garcia, oficiais e sargentos. E a 3ª. Cia., composta exclusivamente por convocados, e sob o comando do paternal cap. Castro Pinto deu o pelotão para a atividade externa: assegurar a tranqüilidade a quem estivesse à margem ou distantes dos festejos, e também espaço livre para os envolvidos com os festejos. A "Rua 15" foi a preferida, no trecho ente a "Rua 4 de Fevereiro" (Hoje "Ângelo Dias") e a "Rua Floriano Peixoto". Maior era a concentração de curiosos e festeiros e de oficiais de Exército, mais gente de bem e de posses dentro e fora da procurada "Confeitaria Polar". Na esquina da "Casa Peiter" estava uma patrulha assistindo como assistentes eram todos pelas calçadas. Quando a passeata aproximou-me o sargento-convocado viu que na vanguarda como fosse "Troféu" um homem tinha sobre os ombros outro bem idoso. Não tirou a patrulha donde estava e só como quis dirigiu-se aos líderes da passeata (conhecia-os com intimidade, no companheirismo das domingueiras dos salões de bailes públicos ou nas noitadas de sábados no "Persuhn", no "Hinkeldey" ou no "Wuerges"). O que disse, não foi ouvido. Viram os postados nas calçadas, que retirou os alemães e fê-los protegidos irem para casa. E a passeata retornou à sua algazarra festejando o "DIA DA VITÓRIA".

O alemão que nos ombros carregava o ancião viveu até a madrugada de 11 de abril de 1996 e chamava-se: Werner Garni. Sobre ele estão dados no

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

"JSC" (Blumenau - SC, 12.04.1996) - Disse ele aos amigos e aos íntimos que o comandante daquela patrulha dissera aos líderes da passeata: "O QUE ESTÃO FAZENDO É CÓPIA DO QUE FIZERAM NAZISTAS E FACISTAS".

Durante a manhã do dia 09.5.45: um dia depois do "Da Vitória", chegaram ao acantonamento da 3ª Cia., (na qual era um dos subalternos o ten. Zadrozny) congratulações e congratulações. - Se ouviu também a queixa dos insatisfeitos com a ausência de liberdade para festejar. Entre os queixosos estava o juiz de Direito da Comarca de Indaial, dr. Alves Pedrosa, que disse telegraficamente, ter existido cerceamento prejudicador da liberdade de festejar à Vitória aliada contra o "Eixo Berlim-Roma-Tóquio".

A avaliação do comandante com as autoridades religiosas e civis apontou, que a crônica do "Dia da Vitória" acusava como lamentável apenas o acontecimento envolvendo o lembrado e extrovertido Werner Garni, pois também da confiável Associação Comercial e Industrial não chegara comunicação sobre ataque ao patrimônio da Indústria ou do Comércio. Os descendentes de italianos e alemães com alto índice na população regional (Bacia do Itajaí) não foram violentados nas privacidades nem na liberdade de pensar: a amadurada sensibilidade cristã norteou o comando da Infantaria de Sampaio em Blumenau. Esta sensibilidade chegou a 11.4.1939 e vem sendo lastro e bitola na pedagogia da instrução formadora do soldado do Brasil como o cel. Márcio (comandante neste junho/98) supervisiona: Deus e Pátria (No quartel do Garcia) são inseparáveis, e o soldado do Brasil e o cidadão também.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

- A força de uma obra
- Boletins Culturais
- Poesias, Sempre Poesia

Texto:

*ENÉAS ATHANÁZIO**

A FORÇA DE UMA OBRA

Quando publiquei meu primeiro livro sobre Monteiro Lobato, em 1975, quase não se falava no autor de "Urupês". Poucos livros e artigos saíam sobre ele, embora o "Sítio do Picapau Amarelo" fosse um sucesso da televisão.

Hoje as coisas mudaram e escrever sobre Lobato parece que se transformou num modismo. São tantos os livros, teses, vídeos, reportagens, artigos, etc., que é quase impossível analisar e comentar tudo. É claro que isso é positivo, revelando a força de uma obra e a presença de seu autor na cena cultural do País.

Muitos desses trabalhos são importantes e constituem uma boa contribuição. Outros, pouco ou nada acrescentam e alguns cometem equívocos graves e até consagram erros anteriores, frutos de posicionamentos de autores mal informados ou mal intencionados e que, de tão repetidos, passam por verdades indiscutíveis.

O caso do relacionamento de Monteiro Lobato com os modernistas e sua crítica à obra de Anita Malfatti é típico. Creio que nunca em nossa história um episódio foi tão distorcido como esse por críticos de gabinete, que analisaram a frio os fatos, sem levar em conta as circunstâncias, o nacionalismo de Lobato e sua "guerra" contra a excessiva influência francesa da época.

Uma leitura isenta de "Idéias de Jeca Tatu" desmente a versão dominante, sem falar nas obras de Vasda Bonafini Landers e Tadeu Chiarelli, para citar apenas duas, que restabelecem a verdade histórica e procuram fazer justiça.

*) Escritor e advogado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Não obstante isso, o próprio Oswald de Andrade, em artigos hoje reunidos no livro "Estética e Política", repõe as coisas em seus justos termos e exalta a contribuição do escritor como precursor do Modernismo. Mas tudo parece inútil e ninguém se dispõe a rever as coisas, mesmo porque repetir o já dito, como papagaios, é mais fácil. E, nesse andar, tudo indica que Monteiro Lobato deverá purgar para sempre pecado que não cometeu.

Outra tendência freqüente é a de retratar Lobato como um burguesão tranqüilo e feliz com o *status quo*, alheio aos nossos problemas e enclausurado na "torre de marfim" de muitos escritores de seu tempo. Fazem-no falar e agir como autêntico neoliberal, amoldado ao modelo e hoje. Fazem o escritor dizer o que desejam e não aquilo que ele realmente escreveu. Ora, nada mais falso que isso. Lobato, na verdade, foi um preocupado permanente com nossos problemas, um indignado com nossas mazelas, um patriota que sofria com as dificuldades do País e do povo, afinado sempre com as correntes progressistas. Afirmar o contrário é ignorar a sua obra e o exemplo de sua vida.

Para encerrar, diria que rotular Lobato de "retrógrado", como fez há pouco um poeta paulista, além de um insulto à sua memória, revela ignorância e má fé. Esse poeta precisa - e com urgência - ler a obra lobatiana. Caso essa leitura não areje seu espírito, então é caso perdido.

Neste mês, a 5 de julho, ocorre o cinqüentenário do falecimento de Monteiro Lobato, que será celebrado durante o ano todo. É uma excelente oportunidade para lembrá-lo de todas as formas, mas fazendo isso com conhecimento e espírito de justiça.

BOLETINS CULTURAIS

Está circulando o número inicial do "Boletim do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina" (IHGSC). Distribuído a todos os associados, trata do cinqüentenário do primeiro Congresso de História Catarinense, realizado em 1948, informa sobre a biblioteca e os arquivos da Instituição, colocados à disposição dos sócios, e trata de muitos outros assuntos de interesse, iniciando uma ligação com os associados que deverá ser permanente. O IHGSC tem sua sede no Palácioo Cruz e Sousa, à Praça XV de Novembro, em Florianópolis.

Está circulando também o número dois de "Fronte Cultural", editado pelo poeta e escritor Silvério Ribeiro da Costa, radicado em Chapecó. O Boletim contém entrevista, poesias, resenhas, crônica e informações diversas, enfa-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

tizando em matéria de capa o centenário da morte de Cruz e Souza. Sua publicação revela o esforço de seu editor para mostrar ao Estado que o pessoal do Oeste está trabalhando com seriedade pelas coisas da cultura.

POESIAS, SEMPRE POESIA

Fani Feldman estreou em livro com "O Lápis da Imaginação" (Editora Scortecci - São Paulo - 1998), lançado durante a Bienal do Livro deste ano. Com apenas quinze anos de idade, seu livro obteve a melhor acolhida. Neta do cineasta Aron Feldman e filha do escritor Cláudio Feldman, tinha a quem puxar. Para fechar esta coluna, transcrevo aqui um de seus poemas.

ROSA VERMELHA

Eu quero
A pétala morna
Da rosa vermelha.

Eu quero
O hálito doce
Da rosa vermelha.

Eu quero
A beleza redonda
Da rosa vermelha.

Eu quero tudo
Da rosa vermelha,
Menos o destino.

Triste é secar
A pétala morna,
O hálito doce,

A beleza redonda,
Num vaso fundo,
Longe do sol.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1998** (Tomo 39). Anexo a este cupom a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
☐ Cheque
Banco: .....
Número: .....
Valor: R$ .....

Dados do assinante:
Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Caixa Postal: _____
CEP: _____-_____ Fone p/ contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

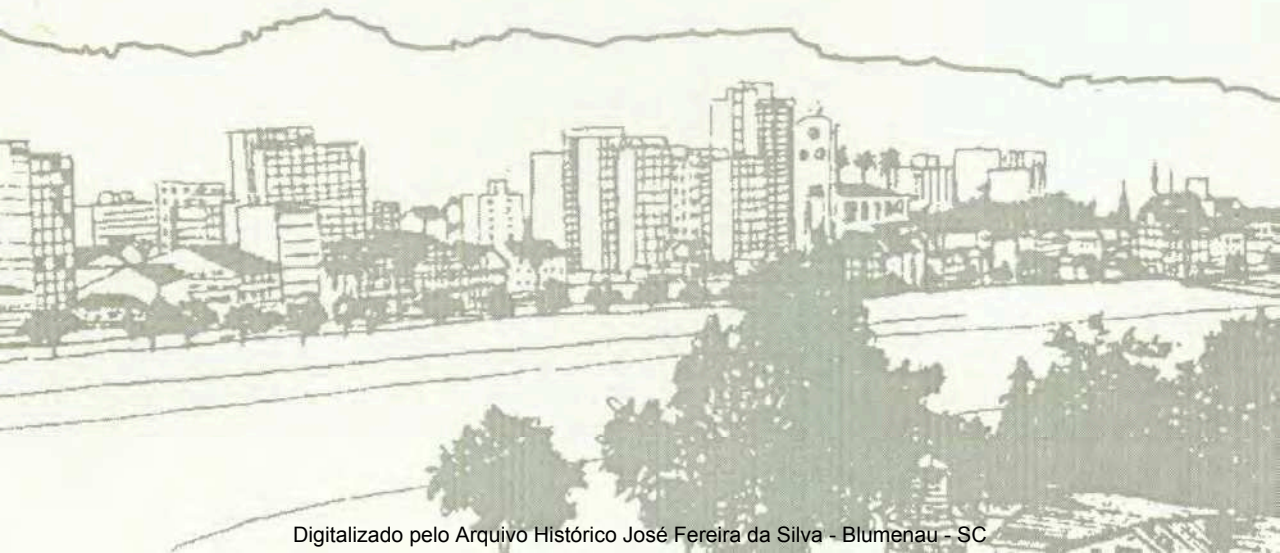
Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990
Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Apoio Cultural:

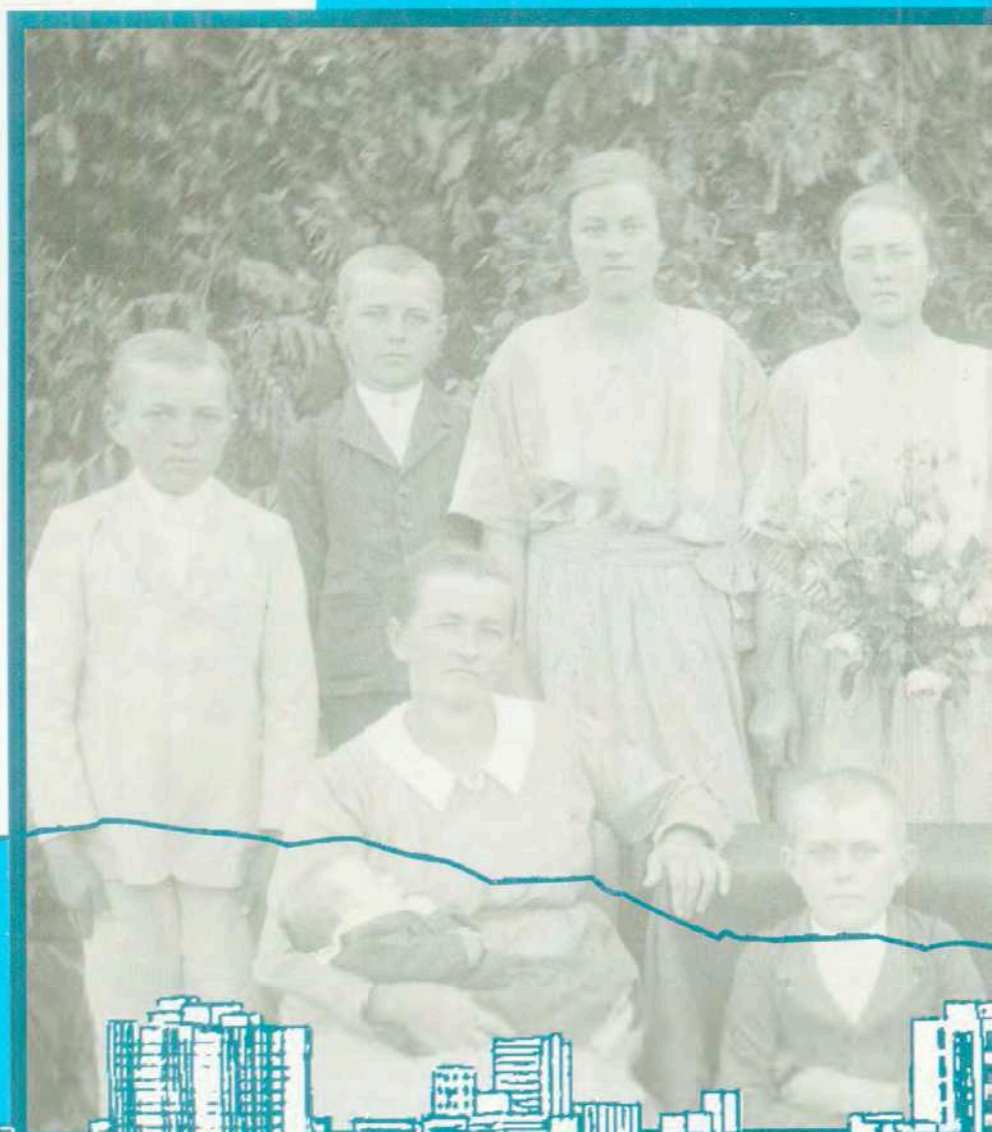
Aiga Barreto Mueller Hering
Alfred Luiz Baumgarten
Altamiro Jaime Buerger
Annemarie Fouquet Schünke
Ariano Buerger
Armando Luiz Medeiros
Benjamim Margarida *(in memoriam)*
Genésio Deschamps
Mark Deeke
Nelson Vieira Pamplona
Victória Sievert
Willy Sievert *(in memoriam)*
BTV - Blumenau TV a Cabo
Buschle & Lepper S/A
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
Eletro Aço Altona S/A
Gráfica 43 S/A Ind. Com.
Hering Têxtil S/A
Herwig Schimizu Arquitetos Associados
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.
Lindner Arquitetura e Design
Madeireira Odebrecht
Transformadores Mega Ltda.
Unimed Blumenau

BLUMENAU em Cadernos
TOMO XXXIX
Julho de 1998 - Nº. 07



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

A exploração da imagem iconográfica como fonte de pesquisa por historiadores, cientistas sociais, jornalistas, antropólogos, e outros interessados, vem ao encontro dos objetivos de dinamização e divulgação do acervo fotográfico pertencente ao Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva", que compõe-se de 40.000 imagens à sua disposição.



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC